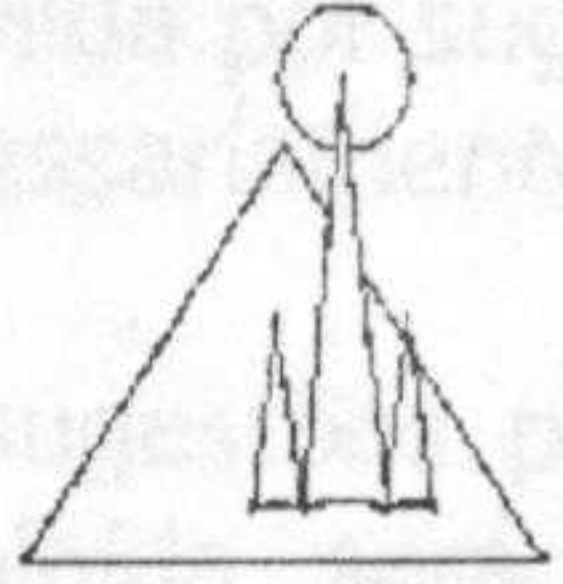


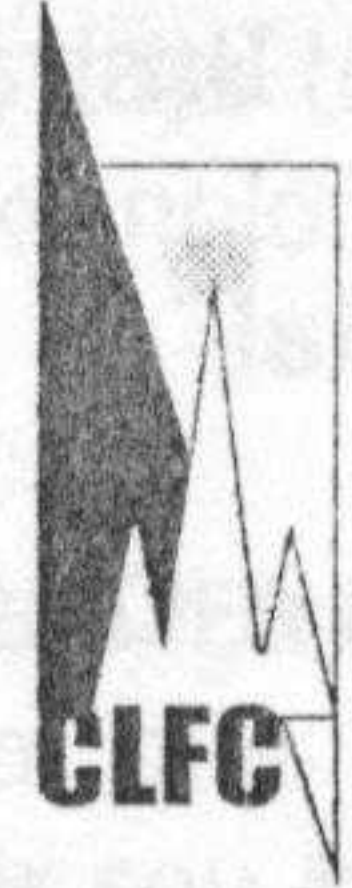
# SOMNIUM



**C.L.F.C.**

1985

Publicação Oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica



2005





**SOMNIUM®** é o clubzine oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da Editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os artigos assinados estão creditados a seus respectivos autores e não refletem necessariamente a opinião da Editoria. As demais matérias estão sob responsabilidade da Editoria.

ANO 21 — Nº 93 — JAN/FEV 2006  
Editor: RCNascimento — Tiragem: 150

## ÍNDICE

<b>Capa</b>	Ilustração de Octavio Aragão inspirada no conto "Memórias de um Emissário", de M.R.R.Olivieri	
<b>Editorial</b>		1
<b>Cartas e-Cartas</b>		2
<b>Artigos</b>		
▪ Augusto Emílio Zaluar e o Surgimento da Ficção Científica Brasileira	Edgar Indalecio Smaniotto	3
▪ Resenha: <i>Complô Contra a América</i>	Gerson Lodi-Ribeiro	11
▪ <i>A Guerra dos Mundos</i> : Histórias Reais de uma Invasão	Cláudio Tsuyoshi Suenaga	14
▪ Jules Verne: Pronto para os Próximos 100 Anos?	Roberto de Sousa Causo	16
<b>Contos</b>		
▪ Memórias de um Emissário	M.R.R.Olivieri	20
▪ O Melhor dos Beijos!	Maurício Soares Bugarin	24
▪ Réquiem para uma Civilização	Leandro G. Cardoso	29
▪ Incidente no Parque Trianon	Carlos Rubinstein	33
<b>Legião Estrangeira</b>		
▪ A Máquina de Atavismo	Ahmed A. Khan [Canada]	34
<b>Outros</b>		
▪ Aniversariantes de fevereiro		2
▪ Aniversariantes de março		35
▪ Número de sócios ativos por Estado		19

O Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC foi fundado em São Paulo [SP] aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob nº 79.416/86.

Sua Diretoria, para o biênio 2006/2007, está composta pelos sócios Alfredo Keppler Franz Neto [Presidente], Humberto Fimiani [Secretário Executivo] e Ataíde Tartari [Tesoureiro].

Toda correspondência para o CLFC e para a Editoria do SOMNIUM deve ser endereçada a:  
**Caixa Postal 2105 - Ag. Central, São Paulo [SP] 01060-970**

clfcbr@attglobal.com.br  
editoria\_somnium@yahoo.com.br  
www.clfcbr.org  
lista-do-clfc@yahoogrupos.com.br — acesso livre  
socios-do-clfc@yahoogrupos.com.br



**EDITORIAL**

Com este número estamos inaugurando mais um ano de nosso *Somnium*. Em dezembro se completarão 21 anos de ininterrupta, ainda que irregular, publicação de um veículo amador voltado à ficção científica e fantasia, editado em português, no Brasil. Não é coisa pouca. No decorrer de 2006 estão previstas 6 (seis) edições, cuja programação está abaixo. Estamos todos contando com sua participação, uma vez que o material que aqui se publica não cai do céu mas sai do que cai em nossa caixa postal.

Pretendemos que, a partir deste ano, a última edição anual seja um "número especial" comemorativo dos aniversários tanto do CLFC quanto do próprio *Somnium*. Serão edições temáticas cuja tônica será definida por sugestão dos sócios e/ou por eventos especiais — a do ano passado, por exemplo, teria sido necessariamente dedicada a Jules Verne pelo centenário de sua morte.

As sugestões para o tema anual serão aceitas até o mês de Outubro, analisadas pela Diretoria e a escolhida será anunciada no número de Janeiro-Fevereiro seguinte, de tal forma que todos os interessados em participar terão 10 (dez) meses para fazer suas pesquisas e desenvolver seu material — artigos, resenhas, ensaios, bibliografias, críticas, depoimentos, ilustrações e o que mais couber no tema escolhido.

Inaugurando esta proposta editorial, a edição nº 98, comemorativa dos nossos 21 anos, será dedicada a **Gumercindo Rocha Dorea** e à "Geração GRD". Portanto, mãos à obra! Tempo há de sobra. Escolha uma ou mais opções de participação e submeta sua colaboração. Em caso de dúvidas, entre em contato com a Editoria. E enquanto isso, vá pensando no tema de 2007 e envie sua sugestão e respectiva justificativa.

Confira nossa programação editorial para 2006:

Somnium Nº	Bimestre	Data de Fechamento	Entrega de Originais Para Publicação
93	Jan-Fev	15/01	28/01
94	Mar-Abr	12/03	25/03
95	Mai-Jun	14/05	27/05
96	Jul-Ago	16/07	29/07
97	Set-Out	17/09	30/09
98	Nov-Dez	12/11	25/11

Apesar da boa-vontade do Jorge Luis — veja seção de cartas —, que nos mandou alguns desenhos que serão aproveitados quando surgirem os espaços adequados, continuamos sem ilustrações para nossas páginas interiores. Os espaços deixados pela diagramação final geralmente pedem trabalhos de pequeno porte. Quem tiver curiosidade quanto a este tipo de arte pode recorrer aos números antigos do *Somnium*, especialmente os de sua primeira fase.

Reiteramos nosso apelo aos sócios-artistas no sentido de que exerçam seu talento e espírito de participação e nos brindem com seus trabalhos de arte. Enquanto isso, estaremos usando os espaços vagos para divulgar matéria de interesse geral do quadro social.

Outro espaço que está sendo sub-aproveitado é nossa seção de cartas. O *Somnium* presta-se muito bem para acolher comentários que objetivem estimular não somente a Editoria mas também seus colaboradores, vez que visões externas de sua produção oferecem ângulos novos e mesmo inusitados que certamente podem ajudar a polir seu trabalho. Adicionalmente, as cartas dos leitores são um ótimo referencial para balizar os rumos de qualquer publicação.

Agradecimentos especiais aos colaboradores de mais este número de nosso clubzine. Até o próximo.



**CARTAS**

Cachoeirinha [RS], 06/12/2005

Caros amigos do CLFC

Concordo em gênero, número e grau quanto à crítica e ao protesto da capa em branco do Somnium; aonde já se viu, com tanta gente desenhando e ninguém enviando material?

Criei vergonha na cara e estou enviando três cartuns que fiz para o Somnium; tomara que vocês gostem e os publiquem. Atrás desses, se aceitos, virão outros e estou preparando para a próxima remessa uma ilustração para a capa.

Espero ansiosamente pelo envio de sua opinião a respeito deles, inéditos e feitos para o Somnium.

Como tenho exposição na UNIVATES programada para Julho de 2006, pretendo utilizar os originais nela; portanto, estou enviando cópias.

Bom, termino por aqui e aguardo comunicado. Atenciosamente, Jorge Luis Cardoso Pereira

[juntamente com a carta foi enviado cartão de Natal]

Um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo, com Paz, Alegria e muitas Realizações.

Para o pessoal do Clube de Leitores de Ficção Científica, com abraços do Jorge Luis.

*Prezado Jorge Luis*

*Muito obrigado pelas ilustrações. Serão aproveitadas conforme a oportunidade. Você entendeu bem o espírito da coisa: arregasar as mangas e dar sua contribuição é o que o sócio faz para tornar o Somnium uma publicação de reconhecida qualidade. Sucesso em sua participação na exposição em julho próximo. Tomo a liberdade de, em nome dos sócios do CLFC, agradecer e retribuir os votos enviados.*

**ANIVERSARIANTES EM FEVEREIRO**

<b>1</b>	107	Roberto Schima	Tatuí	SP
	407	Jaqueline Fonseca de Sá Freire	Rio de Janeiro	RJ
<b>2</b>	499	Jorge Luis Cardoso Pereira	Cachoeirinha	RS
<b>5</b>	441	Paulo Marcos Gonçalves Bubolz	Pelotas	RS
<b>6</b>	271	José Carlos Caldeira Neves	Montes Claros	MG
	411	Alexandre Ness	Porto Alegre	RS
<b>9</b>	319	Renato de Azevedo Moreira	Fortaleza	CE
<b>10</b>	281	Fábio Silveira Lazzari	Porto Alegre	RS
<b>12</b>	2	Gilberto Schoereder	São Paulo	SP
	274	Hiro Kozaka Cavalcanti	Rio de Janeiro	RJ
	275	Maria Filomena Carreira Lemes Santos	São José dos Campos	SP
<b>13</b>	234	Marcus do Rio Teixeira	Salvador	BA
<b>14</b>	52	Antonio Celso Martins Sampaio	São Paulo	SP
	104	Paulo Sérgio dos Anjos	Guarulhos	SP
	119	Adler Homero Fonseca de Castro	Rio de Janeiro	RJ
<b>15</b>	297	Edilson Rodrigues Palhares	Araxá	MG
	376	Ricardo de Almeida Mori	São Paulo	SP
<b>16</b>	366	Alysson Fábio Ferrari	Caxias do Sul	RS
<b>17</b>	322	Ramiro de Oliveira Machado	Duque de Caxias	RJ
<b>19</b>	361	Márcio Poletti Laurini	Araraquara	SP
<b>22</b>	108	Luiz Moreira Júnior	Taubaté	SP
<b>23</b>	295	Guilherme Mascaro da Silva	São Carlos	SP
<b>25</b>	471	José Joaquim Porto de Paula	Campinas	SP
<b>27</b>	115	Humberto Fimiani	São Paulo	SP



## ARTIGOS

## AUGUSTO EMILIO ZALUAR E O SURGIMENTO DA FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA

Edgar Indalecio Smaniotto

Há muito tempo o ser humano procura respostas para profundas reflexões filosóficas, entre elas a da habitabilidade de outros mundos. No Brasil Imperial, formaram-se alguns movimentos intelectuais, que passaram a reunir-se em Grupos Literários<sup>1</sup> e Sociedades Científicas<sup>2</sup>. Estes intelectuais se subdividiam conforme a adesão a correntes intelectuais europeias – cientificismo, positivismo, liberalismo, spencerianismo, darwinismo social – ou segundo as instituições científicas ou políticas da qual faziam parte. Período este em que “*um bando de idéias novas avoaçava sobre todos nós, de todos os pontos do horizonte...*” (ROMERO, 1926, p. 22).

Esta intensa efervescência cultural e científica no Brasil e no mundo. Durante o qual surgiram reflexões acerca da Filosofia Pluralista, filosofia esta que trata da existência de seres extraterrestres. Entre os defensores destas idéias estavam cientistas de peso como Sir William Herschel e Nicolas Camille Flammarion.

É neste contexto que encontramos no Brasil a figura do português naturalizado brasileiro Augusto Emílio Zaluar (1825–1882), era médico, tradutor, poeta, jornalista e autor do primeiro romance científico brasileiro *O Dr. Benignus*<sup>3</sup>. (*Benignus* = benigno), refletindo a sua visão de que a Ciência e a Tecnologia tinham vindo exclusivamente para fazer o bem ao ser humano. Foi este homem, com seu incrível entusiasmo pela ciência que deu o primeiro passo para constituir uma ficção científica brasileira.

<sup>1</sup> Entre as diversas sociedades literárias existentes na época preferimos citar aquelas que reuniam portugueses tais como Zaluar, apesar deste ser naturalizado Brasileiro, ou eram de caráter misto. Podemos destacar a Sociedade Ensaio Literários, criada em 4 de dezembro de 1859 e inaugurada a 1º de janeiro do ano seguinte, no Rio de Janeiro, por iniciativa de Feliciano Teixeira Leitão. O Grêmio Literário Português, fundado em 1855 por rapazes que trabalhavam no comércio e que, nos momentos de ócio da dura vida de caixeiro, recorriam à literatura para se libertar da rotina. Eles chegaram a publicar uma revista, *A Saudade*. Em 1859 foi fundado o Retiro Literário Português, que também dava cursos profissionalizantes. Já em 1865 foi fundada a sociedade que se tornaria a mais importante da época devido aos membros que dela faziam parte. A Arcádia Fluminense contava com a presença de alguns jovens poetas, como Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Bethencourt da Silva e Augusto Emilio Zaluar, o mais experiente deles. (UBIRATAN, 2001)

<sup>2</sup> Durante o século XIX, foram fundadas diversas instituições científicas: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838), o Museu Nacional (1808), o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (1868), o Museu Paraense Emílio Goeldi (1866), O Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Alagoano (1869) e o Museu Paulista (1895). Ver: Schwarcz (1993), Schwartzman (2001).

<sup>3</sup> *O Dr. Benignus*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. Edição crítica, com várias introduções e uma explicação técnica quanto aos critérios de modernização da linguagem, e feita a partir da edição em livros, em dois volumes, de 1875. Há indicações que o romance teve uma edição anterior em forma de folhetim, fato comum na época, contidas na seção “Ao Leitor” (pg. 27): “Agradecendo cordialmente á ilustrada redação do O GLOBO a benevolência com que acolheu o meu trabalho, que hoje principio a publicar..”.



**Capítulo I**  
**Extraterrestres, no interior do Brasil.**

Cachoeira (RS), 05/12/2005

O romance de Zaluar, começa com uma carta do herói da história, O Dr. Benignus, ao Sr. Camille Flammarion<sup>4</sup>, ele diz que está decepcionado com o ser humano, "*ente incompleto, que tem a vaidade de supor-se o modelo mais perfeito e definitivo da natureza universal*". Explica que abandonou o convívio com os homens e vive numa fazenda que comprou em Minas Gerais, cuja moradia situa-se no Morro do Condor.

E após descrever a paisagem faz o seguinte convite: "*Venha, Sr. Flammarion, venha depressa, ver todas estas coisas antes que a mão destruidora de meus compadres dê cabo de tudo isto!*".

Benignus descreve o céu do lugar, aproveitando para mostrar seus conhecimentos de Astronomia e para afirmar o valor dos progressos da ciência, que pouco a pouco leva o homem à "*alargar em seu espírito a idéia da divindade*".

Após este diálogo com Flamarion, e outras aventuras, o Doutor Benignus e seu criado Katini descobrem durante um passeio uma gruta. Nela, encontram uma folha seca de papiro com um rosto redondo desenhado, do qual saem dezenas de raios, simbolizando o Sol. Abaixo da figura, a legenda: "*À pora*". O doutor pressente tratar-se de um prenúncio de "*assombrosas descobertas*". Após estudar a misteriosa folha de papiro, ele faz uma longa dissertação sobre a importância do Sol e especulações sobre a possibilidade da existência de vida naquela estrela e nos outros astros.

*"É verdade, por que não será o Sol e os outros mundos Habitados? A Terra em que nós existimos e encerra tantas maravilhas, não passa no entanto de um ponto insignificante no espaço. Sem falar em Mercúrio, Vênus, Marte, que são relativamente pequenos, por que razão Júpiter, que é 1.400 vezes maior que a Terra, Saturno, cingido de seus círculos gigantescos, e acompanhado por oito luas, distando de nós de tal modo que somos para ele quase invisíveis, Uranus, 29 vezes maior que o globo terrestre e finalmente Neptuno, 100 vezes maior que nosso mundo e afastado dele um milhar e cento e cinqüenta milhões de léguas, por que motivo não serão eles habitados?"*(pág. 89)

Pesquisando nos livros, o doutor descobre que, em língua tupi, "*À Pora*" equivale à expressão latina "*Ecce incolae*" e que significa: "*aqui há gente, aqui está povoado, aqui há habitantes*". A prova, para ele, da existência de vida no Sol. Depara-se então com duas alternativas para resolver o problema, que ele expõe a Katini: "*ou irmos nós ao Sol, ou vir o Sol ter conosco*". (pág. 92)

O Doutor então decide observar o Sol em busca de uma resposta, para observar melhor esse astro, ele planeja uma excursão ao interior do país, onde poderá encontrar um ponto de observação mais adequado.

*"Entende o eminente astrônomo, e com razão que não é nas grandes cidades européias, onde a atmosfera está sempre viciada por grande quantidade de vapores estranhos, e cuja densidade intercepta os raios da luz, produzindo notáveis alterações nos oculares, o lugar mais apropriado para estabelecer os melhores pontos de observações astronômicas. As vastas regiões da América oferecem neste sentido mais seguras condições de sucesso"*. (pág.95)

Para tanto, pública um anúncio nos jornais, convidando "*homens da ciência*", de todas as pátrias, e outros que se disponham a ajudá-lo na aventura. É M. Gustavo de Fronville, especialista em ciências naturais e físicas que responde ao chamado. O Doutor Benignus percebe que seu visitante possui um

<sup>4</sup> Particularmente é discutido no – O Dr. Benignus – a relação entre astronomia, antropologia e astrobiologia; esta relação é construída utilizando-se das obras de Camille de Flammarion. Sabe-se que Flammarion influenciou a constituição da astronomia brasileira até o século XX, entrando em disputa com os positivistas, ver: MORAES, Abraão. **A astronomia no Brasil**. In: AZEVEDO, Fernando de. **As ciências no Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1955. p. 81-161. RIBEIRO, J. Costa. **A física no Brasil**. In: AZEVEDO, Fernando de. **As ciências no Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1955. p. 163 - 202.



objetivo complementar ao dele: "*O senhor observará a terra e eu contemplarei o céu! Dois caminhos diversos, que vão dar ao mesmo ponto: a grande lei da unidade universal!*". (pág. 100)

No capítulo XVI, Zaluar vai descrever as observações feitas por Benignus a respeito dos meteoros, para o eminente Doutor os meteoros ou estrelas cadentes pertence a anéis ou matéria cósmica, circulando em torno do Sol, vindas das profundezas o espaço.

*"De modo que M. Schiparelli primeiro e M. Lê Verrier depois, chegaram, por caminhos diversos, a idênticas conclusões: para eles, as estrelas cadentes provem da desagregação de vastos grupos de matéria cósmica penetrando em nosso sistema...(pág. 175)*

Continuando sua caminhada pelo interior do Brasil, o Doutor chega através de suas reflexões a conclusão de que as estrelas podem ser outros sóis, e que toda a matéria do universo teria os mesmos compostos. Novamente ele vai defender a habitabilidade do Sol. Pois para ele o núcleo do Sol não estaria em estado de fusão, aqui vemos claramente a influência de Flammarion.

*"Pareciam mostrar no astro solar um globo escuro como os planetas, envolvido de duas atmosferas principais, das quais a exterior seria a fonte de luz e do calor, e a interior teria o papel de refletir para fora esta luz e este calor e preservar o globo solar. Este globo solar seria de espécie habitável: era a opinião dos dois Herschel..."* (FLAMMARION, Camille. A pluralidade de Mundos habitados: estudo onde se expõem as condições de habitabilidade das terras celestes discutidas do ponto de vista da astronomia, da fisiologia natural. Trad. Noberto de Paula Lima. São Paulo: Ícone, 1995. Pág. 66)

Durante a viagem, o Doutor aproveita para examinar os planetas por meio do telescópio. Analisando Marte ele descobre seus continentes e até florestas, e comparando suas observações com os conhecimentos obtidos em livros, o Doutor conclui que naquele planeta existe vida. Vejamos o que ele nós diz de suas observações:

1. Regiões polares cobrem-se alternativamente de neve.
2. Nuvens e correntes atmosféricas existem.
3. A mais terra que mares.
4. A água está no mesmo estado físico e químico que a nossa.
5. A vegetação é avermelhada.

Examina depois Júpiter e seus satélites, imaginando como viveriam os "*habitantes desse mundo imenso*". A viagem é retomada. Ao chegar ao topo de um chapadão vizinho à capital de Goiás, o Doutor resolve estabelecer ali o seu observatório astronômico, para estudar o Sol. O Doutor consegue ver algumas manchas na superfície solar, e diz que elas são análogas a nossos ciclones.

Ele conclui que a fotosfera é gasosa e que o Sol provoca a Aurora Boreal. Conversando depois com Gustavo de Fronville, o Doutor informa a conclusão tirada de suas observações: o Sol é habitável. "*Os mundos que giram na infinidade do espaço são outros tantos centros de vida*", diz ele, rejeitando a idéia de "*mundos sem vida*".(pág. 262)

A caravana segue viagem e, daí a dois dias, já se encontra próxima a Leopoldina. Por volta de quatro horas da tarde, um "*imenso meteoro luminoso*" surge no céu e cai com estrondo a algumas centenas de metros da caravana. O acontecimento suscita uma aula sobre os meteoros, por parte do narrador, e o reforço da teoria da habitabilidade dos mundos, para o Doutor Benignus.

O sábio resolve examinar o aerólito à procura de algum indício da existência das "*humanidades sidéreas*"(pág. 287), idéia inovadora de que cometas podem ter vestígios de vida. Que o diga os estudiosos do ALH84001, que foi descoberto na Antártida.

Mas o ponto auto do livro é o encontro com um ser etéreo, de matéria sublimada, que inclusive lhe informa a natureza relativa do tempo:

*"Apareceu diante dele uma figura luminosa semelhante ao que se pode idear de mais perfeito na forma humana, massa cósmica, espécie de chama cor de ouro, que se agitava às mais ligeiras ondulações do ar, sem perder nunca a pureza dos contornos.*



- Dr. Benignus, disse-lhe a maravilhosa aparição, eu sou o habitante que tu procuravas inutilmente nas regiões do espaço. Assim como o homem, no mundo em que nasceste, é uma alma vestida de ar condensado, eu sou também uma alma vestida de luz. Venho das regiões sidéreas que tu procuras conhecer e se não fosse a tua impaciência de saber, tão rara entre teus semelhantes, que nos chegou a impressionar, eu nunca resolveria a descer a um mundo tão ínfimo como aquele em que vives. Andei muito para te encontrar, mas a distância e o tempo, que representa papel tão importante em tua existência, para nós são como um ponto invariável. Viajei num raio de luz, a locomotiva mais rápida que se conhece, andei trinta milhões de léguas em oito minutos." (pág. 293)

Teríamos aqui a primeira descrição de contato com alienígenas na ficção científica Brasileira, ainda que não seja um contato usando tecnologia, como em *A Guerra dos Mundos* de H. G. Wells. Mas sim fruto da experiência do autor com o espiritismo. Este tipo de contato por vias metafísicas seria recorrente na ficção científica brasileira por muito tempo.

## Capítulo II Antropologia e Ficção Científica.

No campo da antropologia Zaluar se coloca perante o debate referente à origem do homem. Nesta época se sistematizaram as discussões sobre o homem americano presentes desde o descobrimento, tendo-se, então, como referencial teórico, o paradigma Evolucionista em voga na Europa do final do século XIX.

Zaluar ao discutir à origem do homem, buscou dar uma contribuição inovadora, ainda que apenas sustentada por pesquisas de terceiros, e não apresentadas na forma de um trabalho acadêmico, mas de um romance.

Se não éramos o centro da civilização, pela grandeza de nossa terra o seríamos no futuro, mas também o tínhamos sido no passado. Pretendia assim buscar a origem do próprio homem nestas terras, o que é recorrentemente enfatizado em O Dr. Benignus. Seguindo a interpretação de Alba Zaluar :

Na viagem fantástica de Augusto, o primeiro mistério a ser desvendado não é a riqueza escondida na floresta, mas a própria existência do homem no planeta Terra. E a resposta poderia estar nas grutas e fósseis da antiga Minas Gerais. O mistério é, pois, o próprio homem que já adquiriu a capacidade de, por uma antropologia científica – evolucionista e positivista – descobrir a sua origem (ZALUAR, A. 1994 p. 371).

Não devemos esquecer que na época ainda não havia uma teoria científica que explicasse de forma satisfatória a origem do homem americano. Para Arias Montano (MONTANO *apud* RAMOS, 1961, pág. 22), os índios americanos em geral provinham dos netos e filhos de Noé. Um dos descendentes de Noé, Ofir, teria povoado a América até o Peru, enquanto que outro, Jobal, teria entrado no Brasil.

Já a hipótese israelita, foi também muito trabalhada, entre os que a defenderam podemos destacar Las Casas, Duran e Gregório Garcia. Vejamos os argumentos de Diego Andrés Rocha (ROCHA *apud* RAMOS, 1961, pág. 22): *o próprio nome índio, é uma corruptela de iudio (Judeu), com mudanças do U para N.*

É interessante destacar que esta hipótese viria a se tornar dogma da religião Mórmon, segundo estes um ser angelical chamado Moroni, mas também filho do profeta Mórmon, cuja antiqüíssima civilização perdida judaica/cristã das Américas desapareceu em 421 (dando origem aos índios americanos), entrega para John Smith tábuas de ouro para serem traduzidas e transformadas no Livro de Mórmon.

Tudo isto soa a uma verdadeira história alternativa, que inclusive serve de inspiração para compor a série televisiva de ficção científica Galactica, já que o livro de Mórmon diz que Deus vive em outro planeta, chamado Kolob, minuciosamente descrito no texto "A Pérola de Grande Sabedoria", referencia esta que aparece na série onde a humanidade surgiu em Kobil, sem falar no Conselho dos 12.



Outro ponto de origem para as civilizações americanas seria a lendária Atlântida, descrita pelo filósofo grego Platão, no *Crítias* e no *Timeu*. Esta é uma nação muito poderosa que possui uma alta cultura e chega a conquistar territórios da África e Europa, até serem derrotados pelos atenienses e seus aliados, e acaba por ser afundada no mar pelos deuses, devido à prepotência de seus reis, em uma época tão distante que já foi esquecida pela memória dos atenienses. Esta hipótese ganhou força no século XVII, segundo Arthur Ramos (1961).

Vale destacar também a chamada origem fenícia, que teve entre seus adeptos o Imperador Pedro II, no final do século XIX (CARRARA, 2004). Em 1876, um ano apenas depois do lançamento do "Doutor Benignus", Antonio Manoel Gonçalves de Tocantins em seus estudos da tribo Munducuru, argumenta sobre a especificidade da língua e dos traços anatômicos do grupo, para daí levantar a hipótese poligenista para explicar o surgimento das sociedades indígenas, no qual haveria diferentes centros de origem do homem.

Para este, seguindo diversos especialistas europeus e americanos, entre eles Agassiz (AGASSIZ, 1938) e Broca (SAGAN, 1985), teria havido diversos focos das chamadas **hominacões**. Estes cientistas se denominavam autoctonistas, pois defendiam a origem do homem americano no continente americano, o europeu no continente europeu e etc.

Já os monogenistas eram contrários ao autoctonismo do homem americano, sendo Magalhães um destes autores: (...) "*a antropologia demonstra que o homem físico passou sempre dum período mais atrasado para outro mais adiantado*" (...), comenta em seu Ensaio de Antropologia (1873, p. 408), expoente da teoria Evolucionista, que ao dar uma raiz comum aos povos indígenas, isto é, defende que estes sejam originários de outro continente, e poderiam ser integrados a sociedade Imperial, hipótese compartilhada também por José de Alencar em sua literatura indianista (JOBIM, 1997/98).

Augusto Emilio Zaluar, entretanto se coloca neste debate de forma inusitada, pois era ao mesmo tempo autoctonista e monogenista, isto é, admitio a origem do Homem em geral, no próprio continente americano.

"... que já existia como um continente extenso à parte central do Brasil, quando as demais partes do mundo estavam ainda submergidas no seio do oceano universal, ou surgiram apenas como ilhas insignificantes, tocando assim ao Brasil o título de ser o mais antigo continente de nosso planeta... Por toda à parte se apresentam aos olhos do estudioso francês as provas de que pisava terrenos de aluvião, confirmando as descobertas de fósseis e de instrumentos de pedra lascada a respeitável opinião do Dr. Lund acerca da longínqua antiguidade de nosso continente e dos homens americanos." (ZALUAR, A. E. 1994, P.215)

Se as previsões antropológicas de Zaluar não viriam a se sustentar, isso de nada lhe tira o mérito especulativo, afinal do ponto de vista da ciência de sua época, certamente esta poderia ter estado correta.

Mas Zaluar também prevê a dificuldade do antropólogo<sup>5</sup> (sic), em "*sair do mundo do outro*". Seu personagem, William River, é uma pré-figuração desta situação vivida por muitos etnógrafos.

Podemos ter uma idéia desta dificuldade ao ler o depoimento de Nigel Barley "*El antropólogo inocente*" (Anagrama, Barcelona, 1989), livro em que ele faz uma reflexão a respeito das dificuldades do trabalho de campo na antropologia. Para ele o trabalho de campo parecia "*uma destas tarefas desagradáveis, como o serviço militar, que teria que sofrer em silencio...*", sendo um recurso para escapar da docência e tutoria, um privilégio da profissão, que durante o resto da vida coloca á mão um repertório de anedotas etnográficas para fazer calar os alunos e entreter as pessoas. Ou quem sabe uma maneira de adquirir uma áurea que permite fazer parte "*dos santos da igreja britânica dos excêntricos*", como aqueles malucos que vão ter com mestres hindus.

Nigel Barley fala da dificuldade em conseguir a bolsa de estudos, os trâmites com a burocracia da República dos Camarões e com sua empresa aérea, que "*considera todos os clientes como um detestável incomodo*", em suma, tudo que o fez sentir que a trabalhosa instalação no país Dawayo, foi um empreendimento insensato. Ao retornar a Inglaterra com 18 quilos a menos e com suas crenças

<sup>5</sup> Usamos aqui o termo antropólogo, com o objetivo de designar o personagem Willian River. Sabemos que até então esta área das ciências humanas não tinha-se constituído, mas uma vez que o personagem apresenta comportamentos que viriam a serem adotados pelos antropólogos (como passar meses entre os Caiapó antes de escrever sua monografia), identificaremos este personagem como tal.



fundamentais abaladas, ele tem a seguinte conversa com um amigo antropólogo, relatada no livro citado.

"- Ah, Já Voltaste.

- Sim.

- Foi aborrecido?

- Sim.

- Ficaste doente?

- Sim.

- Trouxeste notas que achas sem pé nem cabeça e percebes que te esqueceste de fazer as perguntas mais importantes?

- Sim.

- Quando pensas em voltar lá?

Dei uma débil risada. Entretanto, seis meses mais tarde estava de volta ao país Dawayd".

No "Doutor Benignus", o personagem William River, permanece cerca de nove meses com os índios Caiapó, escrevendo uma monografia que será apresentada em um congresso antropológico. E mesmo tendo que contar com a ajuda do Doutor Benignus para ir embora, se ressentido do fato.

Atitude esta até hoje vivida pelos antropólogos e motivo de discussões diversas. Entretanto para termos uma idéia da antecipação feita por Zaluar, devemos nos lembrar que a primeira pesquisa de campo prolongada só aconteceria em 1886 com Franz Boas, e apenas com Bronislaw Malinowski no começo do século XX, a monografia se tornaria a obra antropológica por excelência. Com estes autores que primeiramente se iniciaria a problemática do antropólogo em "sair do mundo do outro".

Concluimos então, que Augusto Emilio Zaluar, foi capaz de propor uma nova teoria e contribuir para pensar a atividade etnográfica. Mas foi como divulgador do nascente campo da antropologia, que este autor deu sua contribuição mais significativa a esta ciência, tornando-a objeto principal de sua narrativa.

### Capítulo III

#### Desenvolvimento Tecnológico e Ficção Científica.

Das antecipações científicas valem dois destaques: a ênfase do Doutor na importância dos aparelhos elétricos de iluminação, numa época em que a lâmpada incandescente ainda não havia sido inventada, e a previsão de que o homem alcançaria o estágio da dirigibilidade dos balões, feito histórico realizado por Santos Dumont em 1901.

Roberto de Sousa Causo, (Ficção científica, fantasia e horror no Brasil -1875 a 1950-. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.) critica, entretanto Zaluar por não ter se dedicado mais às especulações tecnológicas.

Certamente ele teria feito mais pela ficção científica e pela ciência brasileira se estivesse procedido desta forma. Mas isso não significa que Zaluar não era entendido nesta área, como membro do IHGB<sup>6</sup>, e sócio da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional (SAIN), sediada no Rio de Janeiro, que na década de 1820, foi instituída por mais de duzentos sócios, que se reúnem com o intuito de incentivar o uso de máquinas e inventos na agricultura e difundir conhecimentos técnicos, por meio do periódico O Auxiliador, a partir de 1833, ele certamente tinha conhecimento das descobertas tecnológicas mais recentes.

Esta Sociedade era integrada por fazendeiros, comerciantes, advogados, políticos, funcionários públicos, médicos, professores, naturalistas, militares e eclesiásticos e uma de suas realizações foi a publicação do *Manual do Agricultor Brasileiro*,

*"Obra indispensável a todo o Senhor de Engenho, Fazendeiro e Lavrador,  
por apresentar huma idéia geral e philosophica da Agricultura applicada ao*

<sup>6</sup> Agraciado por Dom Pedro II com a venera de Cavaleiro da Ordem da Rosa, Viu-se Zaluar, a 10 de novembro de 1867, eleito sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com a aprovação unânime do parecer de admissão relatado pelo Dr. Benjamim Franklin de Ramiz Galvão. Embora não fosse o candidato autor de obra histórica, observava o eminente relator, possuía sobejos textos literários. Arrolava-se entre os bons poetas da sua geração, compusera o imaginoso romance do "O Dr. Benignus", adaptação ao Brasil do gênero de Julio Verne. E devia-se-lhe o excelente estudo "A Exposição Nacional Brasileira de 1875" (TAUNAY, 1975, p. 8).



*Brazil, e o seu especial modo de produção, bem como noções exatas sobre todos os gêneros de cultura em uso, ou cuja adopção fôr profícua, e também hum resumo de horticultura, seguindo de hum epítome dos princípios de botânica e hum tratado das principais doenças que atacam os pretos".(H. M. B. Domingues, *Ciência: Um caso de Política – As relações entre as Ciências Naturais e a Agricultura no Brasil Império, tese de doutorado, São Paulo, FFLCH, 1995, PP. 77-78.*)*

O Manual foi organizado pelo francês Carlos A. Taunay e pelo naturalista Ludwig Riedel, que participara da expedição do cônsul russo Langsdorff e assumira a direção da seção de Botânica do Museu Real. Para a sua publicação, em 1839, foi obtida verba junto ao Ministério dos Negócios do Império, pois a obra divulgava a atividade agrícola voltada para a exportação, assim como para o mercado local.

Na primeira parte da obra redigida por Taunay, que adquirira terras e plantava café, eram apresentados assuntos como melhoramento dos engenhos de cana – de – açúcar, as culturas de café, algodão e fumo, além de capítulos sobre:

"Culturas que Devem ser Naturalizadas, Reproduzidas ou Amplificadas e Vegetais Comestíveis, Vulgarmente Chamados de Mantimentos". Na segunda parte, sob a responsabilidade de Riedel, constam as "Noções Elementares de Botânica" e o "Mapa das Plantas Econômicas e Medicinais mais Usadas na Economia e Medicina Domestica Brasileira", com indicações para aumentar a produtividade da cultura do chá, cochinilha, cera e produtos passíveis de obtenção de óleo de rícino, amendoim, tabaco, anil, amoreiras, entre outras." (H. M. B. Domingues, *Ciência: Um caso de Política – As relações entre as Ciências Naturais e a Agricultura no Brasil Império, tese de doutorado, São Paulo, FFLCH, 1995, PP. 83-84.*)

Esta sociedade foi o que o Brasil teve de mais perto de uma Sociedade para o Progresso da Indústria e das Ciências da Engenharia. Entretanto não era objetivo das classes sociais brasileiras mais abastadas fomentar o desenvolvimento industrial do país. O que levaria ao fracasso da tentativa de Industrialização Brasileira, e mesmo do desenvolvimento econômico do país.

"Dessa maneira, considera-se o desenvolvimento como resultado da interação de grupos e classes sociais que têm um modo de relação que lhes é próprio e, portanto, interesses materiais e valores distintos, cuja oposição, conciliação ou superação dá vida ao sistema sócio-econômico. A estrutura social e política vai-se modificando na medida em que diferentes classes e grupos sociais conseguem impor seus interesses, sua força e sua dominação ao conjunto da sociedade" (CARDOSO e FALETTO, 1970, pp. 22)

Justamente devido aos interesses das classes sociais brasileiras que tinham poder de decisão estar ligada aos grupos latifundiários, não foi possível a industrialização do Brasil. Explica-se assim porque ao contrario de Julio Verne, Zaluar não deu grande ênfase em seu romance para a tecnologia, apresentando-se como um nacionalista, e querendo fazer uma obra legitimamente brasileira, após ter presenciado o fracasso da SAIN em implementar a industrialização no Brasil, provavelmente perdeu as esperanças que esta viesse algum dia a ocorrer, por isso sua obra quando se refere à ciência (dirigível por exemplo), este é de fabricação americana.

### Conclusão

Tudo termina com o Doutor Benignus comprovando suas idéias, e conseguindo resgatar um antropólogo seqüestrado pelos índios. Este seqüestro é o norte aventureiro da história. Assim como em Verne, o romance de Zaluar tem um personagem central representado pelo bom doutor, que esta lá para nos dar aulas de ciência e os personagens secundários que partem com o doutor não para fazer ciência,



mas para resgatar o antropólogo perdido. Temos ação, luta com índios, mocinhas apaixonadas e até uma fuga de balão.

No final do livro em conversa reservada com Gustavo de Fronville, Katini confessa ter sido ele o autor das inscrições no misterioso papiro encontrado pelo Doutor. Esperava que, dessa forma, o sábio se aventurasse a provar suas convicções, como realmente aconteceu.

Esse conjunto de qualidades da obra permitiu que Emílio conseguisse fazer a primeira divulgação científica numa história ficcional brasileira, sem causar tédio no leitor, risco óbvio nessa empreitada. A propósito desse feito, o pioneirismo do autor está registrado numa frase de José Murilo de Carvalho em sua apresentação da obra:

*"Só em 1879 saíria na Revista Brasileira o primeiro trabalho de divulgação escrito por um cientista, Louis Couty, professor de Biologia da Escola Politécnica" (p. 7).*

Quatro anos, portanto, depois do lançamento de *O Doutor Benignus*. Nos 37 capítulos, Emílio Zaluar cita quase 100 personalidades da Ciência, da Filosofia, da História e da Literatura, juntamente com suas teorias ou descobertas, a edição contém um resumo com todas as biografias.

Esses trechos constituem curtas aulas sobre variados temas, muitos deles recheados com a nomenclatura científica. Na época, serviram para instruir o leitor; hoje, servem para comparar o estado do conhecimento de então com o atual.

É um livro indispensável para quem quer se aprofundar na história da ciência no século XIX, e conhecer as origens da ficção científica brasileira. Tanto para aprender, quanto para não cometer os mesmos erros de Zaluar, afinal se seu romance peca pelo excesso de didatismo, ele é cientificamente (para a época), muito consistente. Qualidade esta pouco observada em muitos livros e contos que pretendem ser ficção científica.

#### Referencias Bibliográficas

AGASSIZ, Louis. **Viagem ao Brasil (1865-1866)**. Tradução de Edgar Sussekind de Mendonça. São Paulo: Cia. Editora Nacional Brasil, 1938. 654 p. (Coleção Brasiliana).

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa**. Trad. Vera Mello Joscelune. Petrópolis: Vozes, 1997.

AZEVEDO, Fernando de. **As ciências no Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

CARRARA, Angelo Alves. **O mistério das inscrições fenícias**. Revista Nossa História: Nº 7, Ano 1. p. 44-46. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

CAUSO, Roberto de Sousa. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil -1875 a 1950-**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

CARDOSO, Fernando Henrique. FALETTO, Enzo. **Dependência e Desenvolvimento na América Latina: Ensaio de Interpretação Sociológica**. 7º ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1970.

JOBIM, José Luis. **Indianismo literário na cultura do romantismo**. Revista de. Literatura. São Paulo, 37/38: 35-48, 1997/1998.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **Ensaio de Antropologia**. RIHGB, ( 36 ): 359-516, 1873.  
\_\_\_\_\_. **O Selvagem**. Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia / Edusp, 1975.

RAMOS, Arthur. **Introdução à Antropologia Brasileira: As culturas não-européias**. 1 Vol. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do estudante brasileiro, 1961.

ROMERO, Silvio. **Explicações indispensáveis: Prefácio a vários escritos**. Sergipe: Editora do Estado de Sergipe, 1926.



SAGAN, Carl. **O romance da ciência**. 3ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para a Ciência: A formação da comunidade científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Março, 2001.

Disponível em: < [http://www. Schwartzman.org.br/simon/portuguese.html](http://www.Schwartzman.org.br/simon/portuguese.html)>. Acesso em: 05 de out. 2003.

TAUNAY, Affonso de E. **Dois Palavras**. In: ZALUAR, Augusto Emílio. Peregrinação pela Província de São Paulo ( 1860-61). São Paulo: Ed. Itatiaia, USP, 1975. p. 5-9.

TOCANTINS, Antonio Manoel Gonçalves. **Relíquias de uma Grande Tribo Extinta**. RIHGB, (39). p. 51-64. 1876.

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre a tribo Munducuru**. RIHGB, (40). p. 10-161, 1877.

UBIRATAN, Machado. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

ZALUAR, ALBA. **América Redescoberta: O Civilizado Cientista e seus outros**. In: ZALUAR, Augusto Emílio. O Doutor Benignus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994

ZALUAR, Augusto Emílio. **O Doutor Benignus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

Edgar Indalecio Smaniotto: Filósofo, Mestrando em Ciências Sociais pela UNESP de Marília e resenhista da revista macroCOSMO.com (<http://revistamacrocosmo.zip.net/>). E-mail: [edgarsmaniotto@yahoo.com.br](mailto:edgarsmaniotto@yahoo.com.br).

## **COMPLÔ CONTRA A AMÉRICA**

Resenha por Gerson Lodi-Ribeiro

*Complô Contra a América (The Plot Against America)*, Philip Roth, Companhia das Letras (2005)  
Tradução: Paulo Henriques Britto. 482 páginas

Como qualquer pesquisa rápida no site Uchronia ( [www.uchronia.net](http://www.uchronia.net) ) pode comprovar, os desfechos ficcionais diferentes para a Segunda Guerra Mundial constituem de longe o tema mais explorado do gênero da história alternativa. Há desde romances clássicos de vitória nazista, dentre os quais se destaca *O Homem do Castelo Alto* de Philip K. Dick<sup>1</sup>, até noveletas de inspiração *mezzo* quadrinística, onde os deuses nórdicos intervêm em favor do Terceiro Reich, como "Thor Meets Captain America" de David Brin, passando por empates técnicos, como o romance *Pátria Amada* de Robert Harris<sup>2</sup> e até por uma invasão alienígena que desaba de pára-quedas em plena Segunda Guerra, como

<sup>1</sup>A subtemática da vitória nazista é a mais antiga (há enredos anteriores a 1945, o que a rigor talvez os descaracterize como histórias alternativas) e de ocorrência mais freqüente dentro do tema. Há até uma antologia clássica de história alternativa, *Hitler Victorious*, organizada por Gregory Benford e Martin H. Greenberg, cujo subtítulo já diz ao que veio: *Eleven Stories of the German Victory in World War II*.

<sup>2</sup>Esse romance inspirou um dos raros exemplos de transposição de história alternativa para as telas de cinema. Produzido em 1994 pela HBO, o filme *Nação do Medo* é razoavelmente fiel ao policial alternativo escrito de Harris, exceto pelo final.



na tetralogia inicial da linha histórica alternativa proposta por Harry Turtledove no universo WORLDWAR™. Isto para não falar nos pseudofactuais, como *Operation Sealion* de Richard Cox, e nas antologias de ensaios, como *Hitler's Options: Alternate Decision of World War II*, organizada por Kenneth Macksey.

Ante o virtual esgotamento desse filão temático, constituía pressuposto mais ou menos pacífico entre os estudiosos do gênero ser quase impossível produzir um enredo de Segunda Guerra Alternativa que soasse minimamente original, por causa das dificuldades para se driblar os clichês mais surrados desse tema, abordados à exaustão, tanto por escritores de ficção científica, quanto do *mainstream*, sobretudo nas décadas de 1970 a 1990.

Philip Roth rompeu esse paradigma com o romance *Complô Contra a América*.

O primeiro passo de sua estratégia bem-sucedida foi retroagir a divergência a eventos políticos anteriores ao ingresso dos E.U.A. na guerra; técnica que transforma a história alternativa de cunho militarista, mais comum no gênero, em história alternativa política. A idéia não é exatamente nova: Dick já havia sugerido o assassinio de Franklin D. Roosevelt em 1933 como ponto de divergência em seu *O Homem do Castelo Alto*. Roth propõe uma divergência menos radical: o pioneiro da aviação Charles A. Lindbergh, primeiro homem a cruzar o Atlântico Norte num vôo sem escalas, disputa a eleição presidencial norte-americana de 1940 e derrota Roosevelt por larga margem de votos, com a plataforma de manter o país fora da "Guerra da Europa". Uma vez empossado, Lindbergh adota uma política externa em tese isolacionista, mas que na prática revela-se simpática aos governos totalitários da Alemanha, Itália e Japão. Após firmar tratados de neutralidade com o Terceiro Reich e com o Império Nipônico, os E.U.A. permanecem de fora da Segunda Guerra. No plano interno, a administração Lindbergh assume posturas anti-semitas explícitas, que passam inclusive pela tentativa de integrar os judeus norte-americanos à força, dispersando suas comunidades e espalhando-os país afora. Essa posição oficial do governo desperta o anti-semitismo até então semi-adormecido no seio da sociedade W.A.S.P. norte-americana.

A genialidade de Roth consiste em apresentar todas as mudanças políticas, bem como as conseqüências sociais desagregadoras advindas dessas mudanças, pelos olhos de um garotinho judeu de sete anos. Uma espécie de alter ego infantil alternativo do autor, um judeu norte-americano nascido em 1933... Não resta dúvida de que algumas das passagens e experiências desse protagonista são pelo menos parcialmente autobiográficas. É pela visão infantil verossímil do personagem Philip Roth (protagonista e autor são homônimos, corroborando a tese do alter ego alternativo) presenciamos primeiro o clima de apreensão controlada dos adultos da comunidade judia ante à perspectiva da vitória de Lindbergh na eleição e, mais tarde, a desesperança e, sobretudo, o desespero, nem sempre velados, quando seus piores receios vão se concretizando um a um.

O tom é suave e intimista, porque no fundo o que interessa é a exibição pormenorizada de um drama de desagregação familiar e não as nuances da linha histórica alternativa em si. Convém reenfatizar que não se trata de uma história político-militar alternativa, em absoluto.

Roth é um escritor de mão-cheia. Se *Complô Contra a América* é um bom exemplo do que ele é capaz, então o Pulitzer em seu currículo não está lá à toa.

Ao longo do romance sentimos que a situação política se deteriora aos poucos sob uma aparência exterior de normalidade, estabilidade e prosperidade econômica. Só os judeus conseguem antever essa deterioração e, como eles se tornaram uma minoria vilipendiada, ninguém lhes dá ouvidos. A transição é gradual. Não ocorrem catástrofes da noite para o dia. Não há um Grande Irmão enviando judeus para os gulags. As perfídias a que são submetidos possuem caráter mais sutil e insidioso. A rigor, a estrutura e as instituições democráticas da nação norte-americana parecem preservadas. Só que não é bem isto que a família Roth sente na carne, como, por exemplo, quando são expulsos de um hotel em Washington para o qual já haviam feito reservas para uma excursão patriótica à capital federal; ou quando o primo do jovem Philip foge para o Canadá a fim de se alistar no exército daquele país e assim engajar ao lado dos britânicos na luta contra o nazismo. Menos de um ano mais tarde, o rapaz é mandado de volta para casa com uma medalha do peito e uma prótese no lugar da perna. O fato é que a postura oficial do governo em relação aos judeus incentiva a exteriorização de preconceitos até então ocultos no inconsciente dos gentios.

Não há ações grandiosas. Os eventos políticos fulcrais aparecem somente em segundo plano, se tanto. Quase toda a história se passa na cidade de Newark, estado de New Jersey. Ainda assim, o temor que permeia a comunidade judaica acaba impregnando o cotidiano do garotinho. Seu pai deixa de aceitar uma promoção, pois esta implicaria mudar com a família para uma cidade onde não havia judeus. O primo foge para o Canadá. O irmão de doze anos que Philip tem como ídolo é aliciado por judeus colaboracionistas e transformado em garoto-propaganda da política de integração forçada implantada



pelo governo. A maioria dos judeus norte-americanos torna-se histórica à medida que boatos sobre campos de extermínio nazistas encontram eco na política interna oficial de transferir famílias judias inteiras para fora de suas comunidades.

O aspecto mais pungente e também o mais crítico do romance é o conflito entre judeus colaboracionistas, que ainda acreditam nas boas intenções da administração Lindbergh, e judeus resistentes, que rejeitam toda e qualquer proposta que conduza à integração forçada. Esse conflito chega a eclodir até no seio da família Roth, quando a tia de Philip se casa com um influente rabino colaboracionista. Embora óbvio, o paralelo com a França ocupada pelos nazistas durante a Segunda Guerra é apresentado de maneira contundente, obrigando o leitor a se questionar sobre de que lado estará a razão. Afinal, de acordo com os colaboracionistas, a integração é uma política louvável, pois, se bem-sucedida em seu intento de obliterar o sentimento de gueto prevalente até então, transformará os judeus em cidadãos norte-americanos de verdade.

Alienado pela desestruturação de sua família e da comunidade que a protege, Philip e um amigo três anos mais velho brincam de espiões, passando a seguir cidadãos góis que regressam de Newark para seus lares em ônibus interurbanos.

Embora muito bem escrito e de narrativa envolvente a ponto de manter o interesse do início ao fim da leitura, do ponto de vista estrito da história alternativa, *Complô Contra a América* é um romance falho. Roth estabelece um ponto de divergência vigoroso o bastante para atrasar o ingresso dos E.U.A. em cerca de um ano: o ataque a Pearl Harbor só ocorre em dezembro de 1942. No entanto, de 1940 em diante, já haviam cessado todas as formas de auxílio ao Império Britânico e à União Soviética. É fácil conceber a profundidade do impacto da neutralidade norte-americana ao longo desses dois anos cruciais para o desenrolar do conflito. Contudo, não obstante o ingresso atrasado no conflito e a total falta de apoio aos aliados, o autor nos brinda com a tese bisonha de que, uma vez que os E.U.A. entram na guerra, todos os eventos históricos relativos ao conflito — descarrilados a partir da eclosão da divergência e cada vez mais afastados da história que conhecemos por força do efeito bola-de-neve resultante — voltam aos trilhos e, ainda por cima, dentro do cronograma original, como que num passe de mágica por assim dizer, a ponto dessa Segunda Guerra Mundial Alternativa terminar na mesma data que em nossa linha histórica e com resultados idênticos em seus mínimos detalhes. Ora, qualquer estudioso medíocre de história militar pode muito bem imaginar que conseqüências resultariam da completa neutralidade dos E.U.A. até o fim de 1942. É bem provável que o exército britânico acabasse destruído na África do Norte; a população das Ilhas Britânicas começasse a passar grande necessidade; os exércitos soviéticos fossem esmagados nos teatros de operações da Rússia Européia. Mais tarde, quando os E.U.A. afinal mergulhassem no conflito, com toda probabilidade já seria demasiado tarde para reverter a situação e conquistar as vitórias na Europa e no Pacífico. Sobretudo, seria tarde demais para obter tais vitórias nas mesmas épocas e nas mesmas circunstâncias em que elas se deram em nossa linha histórica.

Outro aspecto que depõe contra o romance é a tentativa canhestra de justificar as posturas políticas de Charles Lindbergh através de uma teoria da conspiração mal urdida e inteiramente desnecessária. O próprio Roth reconhece a fraqueza dessa justificativa ao considerá-la, literalmente, "rocambolesca e inacreditável". Ainda assim, não resistiu à tentação de incluí-la em seu texto. Trata-se de um exemplo claro da explicação excessiva que coloca em risco a graça e o frescor da narrativa.

Apesar desses erros crassos, *Complô Contra a América* é um romance forte, bem estruturado e de leitura instigante. No que concerne à técnica narrativa e à capacidade de bem contar uma história, Roth é um dos melhores, senão o melhor autor que já se aventurou a escrever história alternativa, no que se pese sua flagrante falta de domínio das técnicas e tropos do gênero. Contudo, se considerarmos que as grandes ações políticas e militares em realidade não passam de pano de fundo, meras notas de rodapé para o tipo de história que Roth pretende contar, então as falhas citadas acima não devem ser capazes de conspurcar o prazer de ler o romance a ponto de transformar essa leitura em experiência desagradável. No entanto, para os puristas, talvez sejam suficientes para macular um trabalho que, doutro modo, seria declarado impecável.

Virtuoso ou falho, o fato é que *Complô Contra a América* teve seus méritos reconhecidos pelos estudiosos do gênero, que o agraciaram com o Sidewise Awards na categoria Melhor Romance de História Alternativa em 2005. Ante à concorrência relativamente fraca e a contribuição de um grande talento, a premiação foi mais do que merecida.



## **A GUERRA DOS MUNDOS: HISTÓRIAS REAIS DE UMA INVASÃO**

Cláudio Tsuyoshi Suenaga

Ao fim da Primeira Guerra Mundial, as nações vitoriosas resolveram estabelecer a paz mediante a criação de uma Liga de Nações que agisse como mediadora nas disputas internacionais e aplicasse sanções quando preciso. A Liga, no entanto, viu-se desde o início debilitada pela ausência dos Estados Unidos e pela exclusão temporária da Alemanha e da União Soviética.

As severas condições de paz geraram um profundo ressentimento no povo alemão, que se inclinava a lançar sobre o Tratado de Versalhes a culpa das dificuldades resultantes da enorme destruição e desorganização provocadas pela guerra, agravadas pela inflação, pela multiplicação das barreiras alfandegárias e pelo *crash* econômico de 1929. Esses fatores combinados favoreceram a ascensão do nazismo, movimento político-ocultista-messiânico totalitário que, sob a liderança de Adolf Hitler, chegava ao poder em 1933.

Os sucessivos recuos da Liga e das democracias ocidentais estimulavam as potências totalitárias a reincidir nos seus atos de provocação e agressão: invasão japonesa da Manchúria em 1931 e o subsequente ataque à China; rearmamento alemão em 1935 e a remilitarização da Renânia no ano seguinte; conquista da Abissínia pela Itália em 1935-36; apoio do Eixo Roma-Berlim às forças franquistas na Guerra Civil Espanhola de 1936-39; *Anschluss* (Anexação) da Áustria pelos alemães em 1938, seguida pela campanha dos Sudetos, região tcheca habitada por uma minoria alemã que, incitada pelos nazistas, exigia a sua incorporação ao Terceiro Reich. A Tchecoslováquia, contando com a ajuda da União Soviética e pronta a resistir, viu-se abandonada pelas democracias ocidentais, que firmaram em 30 de setembro de 1938 o famigerado Pacto de Munich, em que cediam os Sudetos à Alemanha em troca da promessa hitlerista de não fazer novas exigências territoriais na Europa.

Um clima bélico-invasor mobiliza as grandes potências, pegando desprevenida a população norte-americana, imersa na incerteza e instabilidade resultantes de uma crise econômica prolongada. O rádio já atingia todos os lugares, mas a massa ainda não estava acostumada a receber informações simultaneamente aos fatos. Os Estados Unidos, que em 1921 contava com 4 emissoras, têm 382 no final de 1922, e 7 milhões de receptores em 1927. Na década de 30, os países colonizadores montam extensa programação voltada à manutenção de suas possessões africanas, e a União Soviética, a Alemanha, a Itália e o Japão, uma ofensiva de transmissões de propaganda ideológica.

Vinculada a ameaça de invasão hitlerista, havia o medo do desembarque de seres de outros planetas. Na noite de 29 para 30 de outubro 1938, véspera do *Halloween* (Dia da Bruxas), o perigo real se materializou numa situação imaginária com conseqüências catastróficas. A rádio CBS, de Nova York, efetuou com estrondoso êxito a "cobertura" de um desembarque de marcianos no vizinho Estado de Nova Jersey.

As descrições, perfeitas, desencadearam o pânico, levando quase 2 milhões de pessoas a tomarem algum tipo de providência para escapar da invasão. Em pouco mais de uma hora, Orson Welles (1915-1985), um promissor rapaz de 23 anos, convenceu os EUA de que naves cilíndricas trazendo marcianos estavam pousadas em Nova Jersey, e que o fim do mundo era iminente.

A narração teve tanto impacto que o governo chegou a abrir um inquérito para apurar responsabilidades. Mas como a CBS, previdente, forçara a substituição de nomes reais dos locais por nomes imaginários, ficou o dito pelo não dito e, graças ao sucesso da emissão, Welles acabou sendo contratado por Hollywood – onde dois anos mais tarde rodaria o monumental clássico *Citizen Kane* (*Cidadão Kane*), considerado o melhor filme de todos os tempos.

Ao ensejo das comemorações do cinquentenário da transmissão, várias pessoas que a ouviram diziam ainda guardar uma lembrança viva dos fatos. Henry Sears, 13 anos na época, levou consigo um rádio e se refugiou num bar junto de conhecidos. As proporções do tumulto foram bem mais graves do que se mensurava, levando em conta os repetidos avisos da rádio de que a transmissão era fictícia.

A fim de reconstituir com a máxima fidelidade o que se passou naqueles momentos dramáticos, valemo-nos, sem prescindir da audição da gravação integral do programa radiofônico, dos trechos da narrativa publicados pelo jornalista Homero Fonseca – que teve acesso ao roteiro original adaptado por Howard Kock – em seu livro *Viagem ao planeta dos boatos* (Rio de Janeiro, Record, 1996),



o primeiro no Brasil dedicado a analisar o fenômeno da propagação e aceitação de notícias falsas ou infundadas.

Comandando uma cadeia de 90 emissoras, costa a costa, o locutor começou: "O elenco do Mercury Theatre, sob a direção de Orson Welles, apresenta *A guerra dos mundos*, adaptação da novela de H. G. Wells". Ato contínuo, outro locutor, um dos atores do elenco, informava: "Passamos a transmitir do Park Plaza Hotel uma audição musical com Ramon Raquello e sua orquestra". Entra a música e, instantes depois, o locutor corta a apresentação com um aviso: "Interrompemos nosso programa de música dançante para transmitir o boletim que acabamos de receber da Agência Internacional de Notícias".

A "notícia" era a de que um laboratório astronômico havia detectado explosões no planeta Marte. Volta a música. O programa sofre nova interrupção para uma "entrevista" com um astrônomo. Entra novamente a música e dessa vez o "repórter" Carl Phillips anuncia a queda de um objeto flamejante, descomunal, numa fazenda de Grover's Hill, em Nova Jersey. A música não retornaria mais.

De modo a conferir maior realismo à narrativa, ainda que ninguém na emissora achasse que os norte-americanos iam acreditar que o país estava sendo realmente invadido pelos marcianos, a produção decidiu transmitir o restante do programa na forma de um boletim noticioso extraordinário. Sem demora, um repórter chega ao local da queda do objeto, um cilindro de aço, de dentro do qual saem criaturas repulsivas, portando armas condizentes com o nível tecnológico da época: uma espécie de lança-chamas mecânico e um expelidor de gases.

Seqüencialmente, o repórter é pulverizado, multidões são mortas, forças do Exército e da Aeronáutica dizimadas. De Washington, o secretário de Defesa admite a derrota. Em engenhocas semelhantes a um tanque de guerra sobre pernas articuladas, os marcianos marcham em direção a Nova York arrasando tudo pelo caminho, atravessam o rio Hudson e conquistam Manhattan. O único sobrevivente do ataque, arrastando-se entre os escombros, chega ao Central Park, onde encontra os corpos dos alienígenas em decomposição, mortos por infecções de vírus e bactérias contra as quais não tinham resistência imunológica.

A "notícia" se difundiu de forma devastadora. Milhares de ouvintes histéricos contagiaram parentes e amigos, pessoalmente ou por telefone, desatando o pavor coletivo. Cenas de pânico foram registradas numa ampla faixa da costa leste, principalmente nos Estados de Nova York e Nova Jersey.

As pessoas da cidade fugiam para o campo e as do campo para a cidade, congestionando as estradas. Os habitantes dos arranha-céus de Manhattan refugiaram-se no subsolo ou fugiram para outros locais. O serviço telefônico entrou em colapso devido ao excesso de chamadas para a Polícia e os jornais, o que aumentou a sensação de que o país estava sendo realmente invadido. Nos hospitais e nas prisões, doentes, presos e empregados exigiam que fossem liberados. Pessoas que passavam o alarma nas ruas foram presas, e a Polícia montada empregou gás lacrimogêneo para dispersar a multidão desvairada. Em Nova Jersey, muitos alegaram terem visto explosões de bombas, colunas de fumaça e até os marcianos em pessoa, forçando a convocação da Guarda Nacional. Em Trenton, os religiosos acorreram aos templos, crentes de que o fim do mundo havia chegado. Em Newark, as mulheres rezavam de joelhos no meio da rua. As igrejas foram tomadas por pessoas que queriam fazer a última confissão antes de morrer. Uma mulher de Pittsburgh preferiu a morte a ser violada pelos marcianos... Alguns corriam pelas ruas com panos e toalhas cobrindo o rosto, prevenindo-se contra gases venenosos. Os moradores de Grover's Hill acreditavam que um disco voador pousara em uma fazenda. Muitos procuraram o delegado perguntando o que deveriam fazer. Mesmo os que não tinham ouvido rádio naquele dia também fugiram. Um cidadão, apesar de rastrear as demais emissoras e constatar que seguiam sua programação normal, supôs que os locutores estavam deliberadamente tentando tranquilizar o povo.

A calma só voltou a reinar quando todas as estações de rádio passaram a divulgar insistentes informes sobre o que realmente tinha ocorrido, secundadas pelos jornais que lançaram edições extras nas ruas. Consta que, mesmo várias semanas após o episódio, voluntários da Cruz Vermelha tentavam convencer famílias inteiras, escondidas em refúgios, de que podiam regressar em segurança às suas casas.

A reação expôs ao menos dois aspectos profundos: o estado psicológico vulnerável – e portanto propenso a manipulações – e a tendência inata dos norte-americanos em acreditar na invasão de seres alienígenas. A pesquisa do American Institute of Public Opinion (AIPO), apontou que de 10 a 12% dos ouvintes (entre 600 mil a 700 mil pessoas), apesar de terem escutado de que se tratava de uma novela, ficaram extremamente ansiosos. Segundo a CBS, esse percentual foi ainda maior: cerca de 20%, ou um 1 milhão e 200 mil pessoas. Além do aviso inicial, em dois intervalos a mensagem de que se



tratava de uma ficção foi repetida. A massa, porém, predisposta a crer no pior, ignorou-as, liberando crenças atávicas e emoções reprimidas.

Como bem observou o psicólogo social e ufólogo argentino Roberto Enrique Banchs em seu livro *Los OVNI's: una vision histórica* (Buenos Aires, março de 1995, nº 1, edição especial de *Los identificados*, p. 4), os alienígenas transfigurados de Welles não eram outra coisa senão "estrangeiros de outros mundos, do Velho Mundo, da Europa", tanto que em poucos meses a guerra seria precipitada.

Em 15 de março de 1939, Hitler ocupou a Boêmia e a Morávia, transformando-as em protetorados. Em abril, Mussolini tomou a Albânia, enquanto Hitler desencadeava a "guerra de nervos" contra a Polônia. Finalmente convencidas da inutilidade de quaisquer esforços para conter o nazifascismo, as potências ocidentais ofereceram auxílio a esse país e procuraram a colaboração soviética. No entanto, em 23 de agosto era assinado em Moscou o pacto de não-agressão germano-soviético, o que permitia à Alemanha levar a cabo os seus intentos sem o temor de um ataque a leste.

Em 1º de setembro de 1939, os nazistas invadiram a Polônia, irrompendo a pior guerra de todos tempos, considerada uma extensão da primeira, porquanto resultante de causas semelhantes – nacionalismo, imperialismo, armamentismo, disputas econômicas, propaganda –, agravadas pela conjuntura que colocava na Europa, frente a frente, os mesmos adversários principais: Alemanha, contra França e Reino Unido. A primeira, junto da Itália, do Japão e de seus satélites (Hungria, Eslováquia etc.) opunha-se às chamadas democracias ocidentais e seus aliados (a Polônia e as nações posteriormente atacadas pelo Eixo: Noruega, Holanda, Bélgica, Iugoslávia, Grécia, URSS, EUA etc.).

Com a invasão da Escandinávia em 9 de abril de 1940 – que assegurou a Hitler as bases no Mar do Norte e o abastecimento do minério de ferro sueco –, a guerra agravou-se sobremaneira. A invasão dos Países Baixos, em 10 de maio, inaugurou a fase da *blitzkrieg* em toda a frente Ocidental. Os UFOs absorveram tal característica, pois suas aparições se faziam com a mesma rapidez da guerra-relâmpago. A Holanda foi tomada em 4 dias, a Bélgica em 3 semanas e a França em menos de 1 mês e meio. Com a ocupação de Paris em 14 de junho, o general Pétain assinou o armistício e instalou em Vichy a sede de um governo colaboracionista. A queda da França – com seus exércitos mal equipados – e a iminente derrocada inglesa, consternaram os norte-americanos que temiam uma invasão alemã no território Ocidental.

A destruição da Tchecoslováquia convenceu uma pequena, mas influente minoria, de que os Estados Unidos corriam sério perigo. A maioria dos norte-americanos inquiridos entre 1939 e 1941, manifestou-se contrária ao envolvimento do país na guerra. Só o ataque japonês à base naval de Pearl Harbor, no Pacífico, em 7 de dezembro de 1941, os fez mudar de posição.

Nesse dia, Welles fazia outro programa de rádio, quando a transmissão foi interrompida para que se anunciasse o ataque. Dessa vez, a reação foi de incredulidade, como se Welles quisesse pregar uma peça novamente. Não queria. Essa curiosa consequência da "brincadeira" de Welles foi narrada pelo cineasta Peter Bogdanovich no livro *Este é Orson Welles* (Editora Globo). Marcado para sempre como um homem excêntrico, amoral e sem qualquer pudor, Welles, com seu transbordante talento e domínio absoluto das técnicas cinematográficas, sempre esteve disposto a mostrar em seus filmes e fora deles que, neste mundo, o real e o imaginário não são coisas assim tão antitéticas e diferentes e não raro se confundem.

*Cláudio Tsuyoshi Suenaga é Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Assis, Consultor da Revista UFO e Colaborador da Revista Sexto Sentido*

## JULES VERNE: PRONTO PARA OS PRÓXIMOS 100 ANOS?

Roberto de Sousa Causo

Jules Verne nasceu em 1828 em Nantes, cidade portuária que fora o lar dos Duques da Bretanha e que seria severamente bombardeada na II Guerra Mundial. Hoje Nantes mantém o Museu Jules Verne e realiza anualmente o Festival Utopiales, um dos principais eventos europeus de ficção científica.

Verne morreu em 1905 como um dos autores mais lidos do mundo. Mas no final da vida parecia frustrado, especialmente pela negativa da Academia Francesa de Letras em acolhê-lo. Cem anos



depois, sua fama e influência ainda se fazem sentir, quando mal nos lembramos de quem eram os beletristas do seu tempo, como pressentiu Raymond Roussel: "Verne continuará a existir, quando todos os outros autores de nossa época já estiverem esquecidos há muito tempo."

Muitos dos seus 60 livros da coleção *Voyages Extraordinaires* são hoje chamados de ficção científica pelo nosso olhar retrospectivo. O nome da coleção batizou a principal forma de FC feita na França no século XIX (na Inglaterra o gênero era conhecido como "romance científico"). Sua proposta de "resumir todos os conhecimentos geográficos, geológicos, físicos e astronômicos recolhidos pela ciência moderna, e refazer, sob a forma atraente e pitoresca que lhe é própria, a história do universo" parece dever tanto ao seu editor Pierre Hetzel, quanto às suas próprias ambições. Hetzel cooptou-o para a sua publicação *Magasin d'éducation et de récréation*. Antes, Verne escrevera comédias e operetas para os teatros de Paris.

Em *Viagem ao Centro da Terra* (1864), *Da Terra à Lua* (1865) ou *Vinte Mil Léguas Submarinas* (1869), Verne explorou a ciência de sua época, de maneira cuidadosa e didática. Difundiu as idéias de Darwin no primeiro livro; antecipou a necessidade do posicionamento equatorial das bases de lançamentos de foguetes (o Cabo Kennedy) e a "amerissagem" das naves que reentram na atmosfera, no segundo; o submarino como arma de alcance estratégico, no último. Defendendo o seu método, criticou a fantasia científica de H. G. Wells, *Os Primeiros Homens na Lua* (1901), que partilha o mesmo tema com o romance verniano de 1865: Nasce o eterno debate da FC em torno do rigor científico.

De fato, ele não previu ou descobriu o dirigível, o submarino, o foguete, o autômato, como muitos pensam; mas *extrapolou* — imaginando um desenvolvimento possível — as idéias que já circulavam. Seu mérito talvez esteja mais em dar uma forma tão concreta e palpitante às suas visões, que elas pareciam mais reais do que a realidade: Quando Santos Dumont, um fã de Verne, foi à Europa inteirar-se dos últimos desenvolvimentos do balão dirigível, surpreendeu-se com o fato de que *ele ainda não fora inventado*, ao contrário do que sugeriam as narrativas do escritor. E dentro do espírito verniano, Dumont partiu para inventar o dirigível e muito mais.

Verne começou a ser imitado ainda em vida. O visionário artista Albert Robida povoou o futuro com imagens de dirigíveis, escafandristas e submarinos em obras como *Le XXe siècle* (1883), *La vie électrique* (1890) e *La guerre au XXe siècle* (1887), além de ilustrar os *fascicules* escritos por Pierre Giffard, *La guerre infernale*, explorando um lado mais pessimista.

Os *fascicules* foram publicações populares — os *dime novels* franceses — que circularam especialmente entre 1907 e 1959, muitas vezes explorando o romanesco e a ficção científica de influência verniana, como nas novelas publicadas em *Voyages lointains, aventures étranges*, ou nos seriados *Aventures fantastiques d'un jeune parisien*, de Arnauld Galopin, e *Les voyages aériens d'un petit parisien à travers le monde*, um recordista de tiragem, escrito por Marcel Priollet. O incansável pequeno parisiense também esteve nos espaço com *Les aventuriers du ciel*, de R. M. de Nizerolles. Outras séries de aventuras dinâmicas foram *Les Robinsons de l'île volante*, do mesmo de Nizerolles, e *Les gangsters de l'air*, de José Moselli.

A maioria desses autores acabou esquecida, mas eles podem ter contribuído para estender a influência de Verne para dentro do século XX — como o fez Hugo Gernsback, editor americano natural de Luxemburgo. Criador da expressão *science fiction*, Gernsback foi o responsável pela formação do mercado especializado para a FC, com sua revista *Amazing Stories*, de 1926. Para indicar aos autores americanos o tipo de história que desejava imprimir na revista, republicou histórias de Verne (assim como de Poe e Wells).

No Brasil, *O Doutor Benignus* (1875), de Augusto Emílio Zaluar, trai a influência de Verne nessa viagem extraordinária pelo interior do país — assim como *A Filha do Inca* (1927), de Menotti Del Picchia, e um romance tão tardio quanto *O Homem que Viu o Disco Voador* (1958), de Rubens Teixeira Scavone. O próprio Verne "andou por aqui" com o romance amazônico de 1881, *A Jangada*, embora nunca tivesse de fato colocado os pés no Brasil. Como em muitas das suas viagens extraordinárias, sua jornada era pela imaginação, inspirada pelos relatos de outros — mas ao falar de uma aldeia flutuante descendo o Amazonas, ele nos sugere a imagem da fábrica flutuante do malfadado Projeto Jari.



Se Verne foi imitado, também imitou. É o caso do helicóptero gigante de *Robur, o Conquistador* (1886); Verne o teria aproveitado da obra de um seu imitador, o americano Luis Senarens, que escrevia uma série de *dime novels* estrelada pelo herói Frank Reade (de 1876 a 1913). Pierre Versins, criador da notável *Encyclopédie de l'Utopie et de la sf* (1972), lista extensivamente os temas que Verne teria emprestado de autores franceses e ingleses dos séculos XVIII e XIX. Até mesmo o "Plano" de resumir os conhecimentos científicos da época teria sido tentado antes (sem sucesso, ao contrário de Verne), segundo Versins.

É bom lembrar que essa "interpolinização" é típica dos gêneros populares, e talvez um dos méritos de Verne tenha sido o de ter se posicionado no *centro* desse processo. Não obstante, muitos pesquisadores se perguntam no que ele seria único, para a FC. Afinal, outros autores, vários dos quais com habilidades literárias ou imaginativas superiores, já faziam viagens extraordinárias antes dele.

Verne escrevia a FC *hard* do seu tempo. "Sou um escritor cujo trabalho é registrar coisas que parecem impossíveis, mas que todavia são incontestavelmente reais", como afirma diz o Prof. Aronnax, o narrador de *Vinte Mil Léguas Submarinas*.

A FC *hard* representa para muitos o "núcleo em torno do qual gira a ficção científica" (nas palavras do editor americano David Hartwell). Nem sempre Verne acertava, porém. O tema da terra oca, que ele herdou de uma de suas principais influências, Edgar Allan Poe, é uma impossibilidade, assim como a sobrevivência dos tripulantes da cápsula espacial disparada de um canhão. O que conta é a intenção de extrapolar estritamente a partir do saber científico corrente.

O seu didatismo esconde, porém, um aspecto pouco reconhecido pelos críticos: Sua ficção era ancorada no *presente*. Embora tenha tratado do passado histórico e *pré-histórico*, e escrito umas poucas narrativas ambientadas no futuro, Verne referia-se ao *agora*, ao conhecimento fixado pelo homem do século XIX. Não importava que falasse de dinossauros ou da Atlântida submersa, sua ficção exsudava uma forte sensação do contemporâneo, integrando-se ao contexto das publicações populares em que seus romances apareciam. Os interesses cotidianos das pessoas do século XIX — viagens, descobertas e feitos científico-aventureiros — era expandido e tornado maravilhoso pelas suas viagens extraordinárias; a ciência e a tecnologia vinham impregnar a experiência do homem de então.

Em termos atuais, o seu método e a sua ancoragem no presente estariam vivos em um Michael Crichton, que tem uma característica partilhada com Verne — o fato de ser um *best seller*. De fato, foi o primeiro *best seller* nacional americano da FC no pós-guerra, com *O Enigma de Andrômeda* (1971), e continua em alta. Ele porém faz um uso cínico dos temores contemporâneos em torno de ciência e tecnologia — uma estratégia que Verne não aprovaria.

O *cyberpunk*, movimento surgido dentro da FC mas que a transcendeu, tem como ideólogo Bruce Sterling, um declarado fã de Verne, que admite: "Partilho a tendência de Verne de escrever viagens fantásticas onde as pessoas vagam rapidamente pelos cantos mais estranhos do mundo. É um bom modo de colocar um bocado de dados em um texto, sem perder o interesse do leitor." Sterling enxerga no *cyberpunk* um tipo de FC *hard*. Como Verne o fazia, o *cyberpunk* extrapola desenvolvimentos imediatos de tecnologias atuais, mas para um futuro próximo. E assim como o escritor francês utilizou muitos personagens americanos ou ingleses — países na vanguarda da produção científica no século XIX —, os autores globalistas do *cyberpunk* foram buscar a vanguarda de novas tecnologias e comportamentos no Japão e nos tigres asiáticos.

A influência verniana está mais presente no *steampunk*, subgênero que Sterling criou com o outro guru do *cyberpunk*, William Gibson, quando da publicação do romance *The Difference Engine* (1992). Trata-se de um tipo de FC recursiva, que retorna às raízes do gênero no século XIX. Sterling: "O nosso plano original para o livro apresentava Verne como um personagem em *The Difference Engine*. Por sorte nós recuperamos o juízo e não o usamos. Desde então eu escrevi introduções para edições de dois romances de Verne, *A Volta ao Mundo em 80 Dias* e *A Ilha Misteriosa*." O *steampunk* esteve muito em voga durante os anos noventa, antes de se tornar uma forma especialmente popular nos quadrinhos e no cinema (*A Liga Extraordinária*).

Diriam alguns, diante do "Problema Verne" (segundo o respeitado pesquisador Thomas Clareson), que essa influência do autor nos séculos XX e XXI é residual, e que a sua contemporaneidade hoje é



mais uma curiosidade sobre uma época, o século XIX, em que a FC se construía — assim como o mundo tecnológico em que vivemos. O futuro próximo traria então o esvaziamento da fama duradoura do autor?

Exceto talvez pelo fato de o Problema Verne ser mais profundo. Marcel Moré levanta semelhanças entre os seus escritos e as idéias de Nietzsche, em particular a posição do Capitão Nemo, de *Vinte Mil Léguas...*, como uma espécie de super-homem nietzscheano, misantropo e disposto a perseguir seus objetivos aparte da humanidade medíocre e vil. "Dize o que tens a dizer e faze-te em pedaços!" (*Assim Falou Zaratustra*) poderia ser o lema do aventureiro submarino, um guerreiro indiano que perdera tudo com a tirania colonialista inglesa (odiada por Verne), e que aspirava coletar o conhecimento dos oceanos do mundo, para então atirá-los em uma arca selada, como uma mensagem na garrafa, quando de sua morte. Nemo financiava movimentos de libertação com o ouro recuperado de galeões naufragados, e atacava o poderio naval das potências colonialistas. O super-homem nietzscheano foi bisado por Verne com Robur e o seu navio aéreo.

Verne, que projetava imagem de burguês e positivista convicto, tendia para a esquerda. Moré: "Em 1889 ele se apresenta para as eleições municipais de Amiens numa lista ultra 'vermelha'." E *Paris no Século XX*, um inédito publicado postumamente apenas em 1994, sugere questões sociais e o questionamento dos rumos da sociedade ocidental como presentes nele desde o início (o texto foi rejeitado por Hetzel, ainda no começo da carreira do escritor). Para John Clute, um dos principais críticos de FC, "seu último livro, *L'étonnante aventure de la mission Barsac*, é um selvagem ataque à pretensão do Progresso Ocidental de construir qualquer coisa que lembre uma sociedade ideal", sugerindo um arco em sua obra, em que ele retorna às suas convicções iniciais. E Michel Foucault, fazendo uma análise do discurso verniano, detecta tensão entre certa imobilidade do discurso do saber científico, e o desejo da aventura, numa frustrada busca pelo conhecimento do Eu.

O Problema Verne traria embutido, mascarado pelo deslumbre tecnológico, esse dilacerante dilema entre o conhecimento do universo e o conhecimento do humano. Uma questão mais viva agora do que nunca. Viva talvez pelos próximos cem anos.

#### SÓCIOS ATIVOS POR ESTADO

AL	ALAGOAS	2
AM	AMAZONAS	2
BA	BAHIA	8
CE	CEARÁ	2
DF	DISTRITO FEDERAL	12
ES	ESPÍRITO SANTO	4
GO	GOIÁS	2
MG	MINAS GERAIS	15
MS	MATO GROSSO DO SUL	1
MT	MATO GROSSO	3
PA	PARÁ	2
PB	PARAÍBA	2
PE	PERNAMBUCO	4
PR	PARANÁ	9
RJ	RIO DE JANEIRO	96
RN	RIO GRANDE DO NORTE	2
RS	RIO GRANDE DO SUL	25
SC	SANTA CATARINA	7
SP	SÃO PAULO	186



**CONTOS****MEMÓRIAS DE UM EMISSÁRIO**

M.R.R.Olivieri

Pudera eu esquecer e contornar todos os jogos sórdidos de cobiça, orgulho e poder, nos quais tenho me envolvido nos últimos tempos.

A consciência, esse dardo invisível e pragmático que oculta toda ação humana é sentida com mais peso e amargura em toda ação desumana.

Não nego a minha culpa, mas acentuo com racionalidade que agimos em fatos conflitantes exasperados pela razão; nunca há o meio termo, sempre somos levados à medidas extremas. O ser humano tem uma capacidade única: age com mais coragem do que pensa possuir e com maior crueldade do que admite praticar.

Mas o mundo e os homens em sua cegueira constante interagem com a própria vida sem modificarem suas crenças. Eu já fui assim e se eu pudesse voltar no tempo e combater em mim mesmo todos os germes da vaidade, do orgulho e da insensatez, eu não estaria aqui, prostrado, escrevendo em letra miúda no papel pardo dos envelopes das cartas que chegam a minha cela. Estou tentando absolver não a minha culpa, mas absolver a parte de minha consciência que sempre me alertou contra esses atos incomensuráveis. Mas eu era jovem, talentoso e arrogante e nunca quis ouvi-la!

A maior parte de minha vida sacrifiquei, não o meu orgulho e nem minha vaidade, sacrifiquei toda a bondade e desapego que podia sentir. Desde criança fui impelido a acreditar que era especial. Sempre fui mais esperto e inteligente que as crianças de minha idade. Minha curiosidade era latente, as brincadeiras lúdicas e monótonas me entediavam. A escola era simplesmente insuportável, porque geralmente entendia mais de química e trigonometria do que meus professores. Ficava a maior parte do tempo aborrecido, porque não havia nada e nenhum desafio que condizia com meu intelecto. Fui um adolescente rebelde e autoritário e não admitia ser controlado por ninguém. Quando eu não podia ser o líder, me afastava de qualquer grupo que quisesse me oprimir ou demonstrar poder. Eu me isolava e ninguém me chateava, eles percebiam que eu era muito mais inteligente e capaz do que todos eles juntos e isto me garantia o respeito necessário. Afinal eu manipulava e não me deixava manipular. Entrei para a universidade e minha ambição em ser o melhor aluno foi logo atingida. Fiquei um pouco desapontado, porque isto nem mesmo me exigiu esforço. Concluí meu doutorado aos trinta e três anos de idade e minha suposta genialidade já era conhecida nos meios acadêmicos e científicos. Eu mesmo me achava detentor de talento e inteligência superiores...eu era de fato alguém notoriamente brilhante. Ganhei meu primeiro Nobel aos trinta e sete anos, quando descobri a aplicação prática do genoma em transplantes de células troncos, erradicando com sucesso todos os retrovírus da gripe. Por meus estudos e descobertas, nenhum animal ou ser humano jamais teria durante sua vida, nem resfriados, nem gripes ou qualquer complicação respiratória transmitida através de vírus. Estava muito animado na concepção da vacina, com ela seria possível imunizar em dois anos toda a população mundial e erradicar a doença. Mas tudo não passou de uma ilusão, o governo e as indústrias farmacêuticas se recusaram a produzir a vacina, não por impossibilidades técnicas ou falta de recursos - na verdade eles se recusavam a parar de fabricar e vender as milhões de toneladas de aspirinas, anti-inflamatórios e todos os remédios que aliviam os sintomas da doença - alegando falência e uma crise econômica severa e sem precedentes que desestabilizaria a economia mundial. Essa foi a minha primeira desilusão com a humanidade e infelizmente não foi a única. Constate você mesmo, veja o noticiário e se você ver ou ouvir uma notícia boa e ainda por cima acreditar, você faz parte de um grupo de fantoches que tem fé na bondade humana.

Quando eu completei quarenta e um anos, o governo me convidou para liderar uma equipe de cento e cinquenta e três pessoas, formada por especialistas renomados de todo o mundo. Colegas brilhantes que usaram suas habilidades, inteligência e boa fé em um projeto ultra-secreto para a validação de estruturas moleculares super-resistentes, capazes de resistirem aos elementos químicos, físicos, biológicos e radioativos mais diversos e eficazes que naquela época tínhamos conhecimento.

Passei vinte e quatro anos de minha vida dedicando-me ao projeto. Se eu não podia criar remédios que curassem as doenças humanas, eu podia ao menos gerar fetos super saudáveis que



enfrentariam qualquer adversidade com uma imunologia altamente eficaz, porque não seriam afetados nem por vírus e nem pela oscilação de temperatura ambiente. Eles poderiam caminhar pelo deserto sem sentir calor ou dormir sob a neve sem sentir frio. A temperatura extra de seus corpos compensaria qualquer temperatura externa para mais ou para menos, mantendo-os sempre resfriados ou aquecidos. Além do mais a expectativa de vida seria de no mínimo cento e oitenta anos férteis e saudáveis, porque a velhice já não existiria, a aparência e as moléculas jovens permaneceriam intactas até pelo menos os cento e cinquenta anos e a aparência física seria a de um adulto de trinta anos.

Consegui realmente um feito extraordinário antes mesmo de completar metade de minha vida, aos oitenta anos, porque naturalmente eu e minha equipe tomávamos a cada vinte e oito dias uma injeção intramolecular, onde o código genético era preservado e impedido de deteriorar ou envelhecer. Para facilitar a explicação para os leigos, posso afirmar que os meus genes bem como de todos em minha equipe estavam "congelados", eles estavam preservados, isto é, não regrediam, nem deterioravam ou envelheciam.

A princípio encarei como uma dádiva, hoje sei que não passou de egoísmo e pretensão. Neste momento estou enclausurado, solitário, velho, cumprindo prisão perpétua, aos cento e quarenta e sete anos de idade. Sim, digo velho porque meu suprimento de injeções intramoleculares foi cortado e ao invés de tomá-las a cada vinte e oito dias, uma organização não governamental, por caridade, me dá uma dose a cada três meses. Meu metabolismo nestes últimos dois anos em que estou aqui, sofreu drasticamente, porque meus genes estão "descongelando" com maior rapidez, causando um envenenamento progressivo em minha imunologia. Passei a sofrer dores físicas intensas e já perdi metade da visão do olho esquerdo, porque a retina não se recompõe plenamente a cada injeção, bem como acredito que nem meus ossos, músculos e pele. Não sei avaliar se essa condição será extenuante ou poderá ser revertida através de um bombardeamento genético. Eu duvido que o governo irá permitir que isto aconteça, meu advogado já fez duas petições de clemência mais os pedidos foram indeferidos.

De qualquer modo, acredito que vão me manter vivo enquanto eu for suficientemente interessante para os seus propósitos. Ah...se eu pudesse ter previsto uma parte das conseqüências deste projeto, utilizaria o tempo que dispunha para reverter este processo. Mas um homem sempre fraqueja por suas ilusões e corrompe sua própria alma. Contudo, os fatos são irremediáveis, o projeto prosperou e dei vida a setenta e sete superfetos. Dentre eles, Abraham I foi minha obra-prima - não que os outros não me fossem caros - todos foram em maior ou menor grau indiscutivelmente importantes. Mas foi através de Abraham I que senti o poder e a glória em sua plenitude. Talvez um psiquiatra poderia nomeá-lo como o meu alter-ego e sem dúvida eu não discordaria. Parece loucura, eu sei.. Mas se eu pudesse transmitir com fidelidade os fatos, explicar detalhadamente todo o processo de concepção, todo o estudo, toda a complexidade dotada em Abraham I, o como e o porquê cheguei a estas descobertas, seria fascinante...Mas meu orgulho não permite cópias e eu jamais revelarei tais descobertas.

Posso afirmar que Abraham I é dotado de extrema inteligência, carisma, habilidades cognitivas extremas, uma imunologia complexa capaz de sobreviver a qualquer tipo de adversidade. Possui talento para as artes, é sensível, um líder nato, alguém muito além de seu tempo. Talvez nem mesmo eu compreenda a dimensão exata de seu potencial e entre todas as suas qualidades, a que eu particularmente admiro é a bondade. Porque ele não se esforça para ser bom, ele é naturalmente um pacificador, despojado de orgulho, vaidade e rebeldia. Ah... se todos nós tivéssemos um pouco da nobreza dele... mas isto é impossível... porque as mesquinhas ilusões humanas perpetuam no corpo e na alma.

Talvez você esteja curioso para saber como me deixei levar e sem explicação aparente me encontro nesta situação. É inegável que eu gostaria de mentir e dizer que fui uma vítima dos acontecimentos, mas não foi bem isto que aconteceu.

Quando completei sessenta e sete anos de idade, ganhei do governo um presente de reconhecimento: o triplo do salário, que por sinal já era altíssimo e férias extras de cinco meses. Convencido por ser um sujeito extraordinário, achei o prêmio justo e decidi me afastar do projeto durante três meses. Fiz as malas, levei um pequeno estoque de injeções intramoleculares e fui gozar à beira-mar o descanso merecido. No terceiro ou quarto dia de férias, já não me lembro bem, durante a madrugada fui acordado em meu quarto de hotel por um agente da inteligência federal, que me pediu para acompanhá-lo urgente à base do projeto. Fiquei surpreso e desconcertado, no fundo meu orgulho latente afirmava que o projeto não era nada sem minha presença. Fiz rapidamente as malas, peguei meu



suprimento de injeções intramoleculares e o acompanhei sem resistência. Neste momento, eu já estava consideravelmente preocupado, pensando que algo realmente grave tinha acontecido. Em poucas horas, voltamos à base e após cruzar o portão cinquenta e oito de segurança máxima, o agente da inteligência me ofereceu o jornal matinal e disse clinicamente - "Leia as notícias de hoje, Dr.! São realmente imperdíveis!" - naturalmente apanhei o jornal e li aterrorizado a notícia forjada em primeira página que anunciava minha própria morte em um acidente aéreo. Fiquei desconcertado, paralisado, aturdido...foi neste momento que perdi toda a fé na bondade humana. Fiquei confinado em meus aposentos durante um mês, revivendo todos os pormenores de minha vida. Todas as ilusões, os fragmentos da glória, do orgulho. A paz obsoleta que me confinava em um espaço de tempo imaginário, porque sempre me considerei um homem liberto, independente de qualquer vínculo emocional e profissional. E após tantos anos de realizações extraordinárias, percebi a fragilidade, a linha tênue que separa homens e escravos de outros homens. Permaneci incomunicável, não me deram nenhuma explicação. Naturalmente me forneciam água e comida; por vezes, cheguei a suspeitar que estava sendo drogado com sedativos que me impediam de raciocinar claramente.

Foram os piores dias da minha vida, não havia consolo, nem esperança. Eu fui traído, amputado de minha glória e minha vida. Para o mundo eu era apenas um nome, uma lembrança. Uma profunda tristeza e solidão me abateram. Passei meses que se arrastaram por anos para recuperar minha total sanidade. Mas eu não era o único. Eu não era o único morto para o mundo nesta história. Eu me condenei e condenei também a toda minha equipe, cento e cinquenta e três pessoas foram amputadas da história, arrancadas de suas próprias vidas como uma árvore jovem e indefesa. Em um prazo de dois anos, eu condenei aqueles homens e mulheres ao isolamento de suas afeições mais caras. Todos nós estávamos em idêntica situação e alguns companheiros, no total vinte e seis não suportaram a reclusão. Planejaram minuciosamente uma fuga e foram inutilmente alvejados e mortos não só para o mundo, porque pagaram com a própria vida pela discordância de permanecerem nesta situação.

Foi neste período que comecei conscientemente a planejar minha vingança e decidi convencer minha equipe de que a humanidade não sairia impune desta situação. Retomei o trabalho para preservar minha consciência da auto-extinção. Além do trabalho com os superfetos, comecei discretamente minhas pesquisas paralelas, para executar meu plano de vingança. Como éramos vigiados durante o trabalho no laboratório, decidimos nos reunir de madrugada em meus aposentos para discutir os planos de ação. Eu não ousei revelar em nenhum momento para os meus companheiros as verdadeiras intenções de meu plano. Se eu pudesse quantificar as informações que repassei, com certeza não atingiria dez por cento do quê eu realmente estava planejando executar. Esse processo foi longo e duradouro, com o passar do tempo alguns membros da equipe desistiram da idéia, bem como do próprio trabalho e da própria vida. Outros se recusaram a tomar suas injeções intramoleculares e acabaram morrendo rapidamente pela idade avançada. Mas eu permaneci firme e convicto de minha vingança, quanto mais o tempo passava, mais fácil se tornava o meu trabalho. Eu já não era tão vigiado e tinha liberdade de trabalhar em meu próprio laboratório sem justificar minhas pesquisas. Claro que uma vez ou outra, eu era investigado. Contava tantas mentiras absurdas - que tudo era em prol da ciência e do bem-estar da humanidade - que me forneciam mais verbas, mais recursos e mais equipamentos para minhas pesquisas.

Esperei longos anos para conceber a minha vingança e esperei tantos outros para pô-la em prática. Se eu podia conceber fetos supersaudáveis, eu também poderia conceber um feto supersaudável rebelde que teria uma única missão: eliminar os primeiros sem nenhuma suspeita.

Tive a paciência necessária para esperar. Demorei vinte anos para conceber Abraham II. Ele era geneticamente idêntico a Abraham I, dotado de extrema inteligência, com a imunologia complexa para sobreviver a qualquer adversidade, habilidades cognitivas extremas, um líder nato. Contudo insensível, livre de culpa e remorsos, com a missão de caçar seus semelhantes e destruí-los, quando completasse trinta anos de idade. A única exceção feita seria preservar a vida de Abraham I. Ele não poderia e nem deveria destruí-lo, porque devia a própria vida e concepção a mim e a ele.

Tivemos cinquenta anos de paz e aparentemente tudo transcorria com normalidade. No verão seguinte, Abraham II atingiria os trinta anos de idade e colocaria a sua missão em prática. Foram necessários exatamente treze dias para que Abraham II caçasse e destruísse o setenta e seis superfetos saudáveis. Todos começaram a morrer, um a um, em poucas horas e sem causa aparente. E essa foi a parte mais gloriosa de minha vingança, porque forneci a Abraham II um composto intramolecular contendo vírus modificados com radiação, isto é, um supervírus inexistente na natureza e que quando aplicado no superfeto saudável, ele morreria em duas ou três horas, identificando em seu organismo não



um vírus mortal, mas um vírus que ajudaria a fortalecer a própria imunologia. O vírus seria repetidamente duplicado até a exaustão e colapso do sistema nervoso.

Os homens por vezes são tão mesquinhos que mesmo tendo uma culpa evidente se beneficiam pela dúvida. Este foi o meu caso. Fingia surpresa, nervosismo, desespero, chorei por horas na frente dos agentes da inteligência e do restante de minha equipe; me flagelei física e emocionalmente para convencê-los que estava isento de culpa. Permaneci nesta posição durante dois meses e só fui pego e responsabilizado - eu mesmo confessei o meu crime - porque não suportei o peso dos fatos que vieram a seguir.

Pode parecer irônico, mas até a crueldade tem limites. Não sei dizer se para todos os homens funciona desta maneira, mas no meu caso em particular, minha consciência foi arrastada para a mais dilacerante e extenuante e obscura culpa. Se você já sentiu remorso por algum erro que tenha cometido, esqueça. Se for possível peça perdão, tente reparar-lo, mas esqueça! Analise os fatos e se coloque por um minuto em minha situação e você concordaria que nada, nenhum fato por mais insano que pareça, irá se comparar à catástrofe que se abateu sobre a minha vida e sobre o mundo.

Nestes meses que se seguiram após a realização de minha profana vingança, o mundo sofreu o pior cataclismo já registrado. Eu não sei precisar os fatos, mais uma sucessão de eventos foi potencializada a partir da primeira morte do primeiro superfeto saudável. Vou tentar explicar mais ou menos como tudo aconteceu. É difícil compreender, porque naturalmente não temos condições de prever até o momento se esta cadeia de acontecimentos poderá ou não ser contida. Creio que a possibilidade é remota, porque não sabemos como deter essa cadeia ou pelo menos minimizar a sua progressão.

Quando Abraham II aplicou a injeção intramolecular contendo o supervírus modificado, a princípio, ela agiu somente na corrente sanguínea do portador. Conforme houve a duplicação, ela entrou em contato com o ar ambiente através da respiração e foi se multiplicando na atmosfera terrestre. O ar foi envenenado, a duplicação ocorreu a uma velocidade de 100km por minuto abrangendo a distância de 3.800km/h e o oxigênio foi o principal condutor do vírus. A atmosfera terrestre foi totalmente contaminada em questão de dias. Todas as árvores e plantas secaram, a água doce do planeta se tornou turva, os insetos foram pulverizados, todos os animais sob a face da Terra desapareceram, a água do mar só apresentava 0,3% de salinidade e cerca de oitenta e nove por cento da população mundial foi dizimada por uma gripe radioativa e mortal.

Eu me incluo nos onze por cento dos sobreviventes, porque permaneci na base do projeto, onde o risco de contaminação é mínimo. Todo o oxigênio daqui é filtrado, purificado e limpo do vírus mortal. Entre os sobreviventes saudáveis, estamos nós e outros que permanecem em bases e abrigos secretos do governo. O que eu não entendo, é que há notícias de sobreviventes em todos os continentes globais. Pessoas comuns que estão sobrevivendo às duras penas e sozinhas, visto que o governo de coalizão mundial se negou a resgatar os refugiados. Eles não são admitidos nas bases, porque já carregam dentro do organismo o vírus mortal, apesar de inativo até o momento.

O plano de ação consiste em tentar limpar o ar. Isto é, os cientistas estão estudando implantar exaustores com o objetivo de eliminar o vírus do oxigênio. A idéia é até plausível, o problema é como eliminar completamente este vírus depois de isolado. Há várias correntes científicas que defendem suas posições arduamente. Algumas sugerem isolar o vírus em containers sob a neve, onde o frio intenso inibiria a sobrevivência do vírus. Outras sugerem enterrar os containers no deserto e fazer uma área de segurança mundial, onde ninguém jamais entraria. São inúmeras idéias, no momento a alternativa mais aceita é isolar o vírus em containers e mandá-los ao espaço, utilizando foguetes e satélites artificiais. Hoje minha consciência clama o perdão das almas ignorantes e inocentes que eu inconscientemente planejei destruir. Em tão pouco tempo, eu me iludi com o perdão das vidas humanas que fui responsável em dizimar. Contudo, já temo a descontinuação da vida no universo. Como pude criar e destruir tantas vidas? Não sei dizer, me perdoe, não sei dizer se foi a falta ou o excesso de capacidade em lidar com o meu talento único. Ou será que tudo que ocorreu foi de certo modo planejado por um mistério profundo? Isto poderia não ter acontecido? Perdoe-me, eu realmente não sei dizer. Esta é a minha última memória na lembrança de um emissário.



## O MELHOR DOS BEIJOS!

Maurício Soares Bugarin

*Il tempo tutto toglie e tutto dà  
(O tempo tudo tira e tudo dá)*  
Giordano Bruno, Il Candelaio, 1582

Deitado na cama ao lado, Paul ouviu o grito de Maristela.

— Não faz nada, Ernesto! Não reage! Pára! Meu Deus!!

— Calma, Mari, não foi nada. Só um pesadelo. — Disse Paul, reconfortando-a.

Maristela acordou assustada, mas, ao olhar para Paul, pareceu acalmar-se. Esfregou os olhos, levantou-se e caminhou até o banheiro.

Paul já se acostumara aos pesadelos de Mari. Ele mesmo, não conseguira conciliar o sono aquela noite. Estava muito preocupado com o experimento temporal. Aquele dia, 27 de fevereiro de 2029, marcaria o coroamento de mais de 20 anos de pesquisa.

Enquanto esperava que Maristela saísse do banho, Paul pensava nessa odisséia. Ele entrara no Departamento de Física Quântica da Universidade de Chicago há 15 anos, após ter concluído um brilhante doutorado na Cambridge University. Paul fora orientado por Stephen Hawking, e se considerava, modestamente, um gênio. Sua tese fora aprovada com louvor e, mesmo antes da conclusão do programa, ele já tinha dois artigos publicados no Journal of Quantum Physics, o mais respeitado periódico acadêmico na área. Doutor aos 25 anos de idade, Paul era arrogante e, sobretudo, tinha pouca paciência com os ignorantes que, para ele, constituíam 95% da população da Terra.

Entraram junto com Paul na Universidade de Chicago, naquele ano de 2014, mais duas professoras assistentes: Karen Svensson, de Berkeley, e Maristela Lisa, de Princeton. Rapidamente estabeleceu-se uma produtiva competição acadêmica entre os jovens pesquisadores. Cinco anos mais tarde, os três assistentes foram efetivados como professores associados. Era a primeira vez na história do Departamento de Física Quântica da Universidade de Chicago que todos os professores assistentes conseguiam a "tenure", ou seja, a estabilidade no emprego.

Apesar da carreira meteórica e do reconhecimento acadêmico, a experiência em Chicago submetera sua auto-estima a um tremendo baque. De fato, por mais que Paul produzisse, Maristela rapidamente destacava-se do grupo pela excelência de sua pesquisa. Quanto mais o tempo passava, mais Mari se tornava reconhecida como a "mente brilhante" daquele trio de cérebros privilegiados. O golpe de misericórdia ocorreu em 2024, quando Maristela apresentou ao mundo sua teoria do vetor genético para a viagem no tempo, a "DNA-vector time-displacement theory". Seu estudo provava matematicamente que o deslocamento no tempo de uma pessoa poderia ser feito, de forma controlada, no intervalo de tempo que ia de sua concepção (no passado), até sua morte (no futuro). A estrutura genética daquela pessoa, seu DNA, funcionaria como um elevador para levá-la ao passado ou ao futuro. Numa tal viagem, apenas a consciência da pessoa seria transportada no tempo, analogamente ao que acontecia quando um paciente era hipnotizado e induzido a reviver seu passado. A grande e fundamental diferença entre uma viagem no tempo e uma regressão sob hipnose seria a possibilidade do viajante controlar o pensamento e o corpo de seus alter-egos do passado e do futuro. Além, é claro, da "regressão ao futuro" não existir.

A teoria do vetor genético representava um rompimento radical com as doutrinas vigentes de deslocamento no tempo. De fato, as teorias universalmente aceitas admitiam a viagem no tempo, mas somente quando velocidades próximas à da luz fossem atingidas. No entanto, tais velocidades eram essencialmente inatingíveis para corpos macroscópicos devido à imensa quantidade de energia requerida. Por outro lado, ao usar o princípio do deslocamento da consciência, guiada pelo vetor genético, a nova abordagem abria caminho para a construção de uma máquina do tempo viável do ponto de vista do consumo de energia. A repercussão da teoria foi tão grande, que os principais grupos de pesquisa na área redirecionaram seus esforços para a construção de uma máquina de vetor genético.

Paul não tinha dúvidas de que, cedo ou tarde, Maristela receberia o Prêmio Nobel de Física por sua descoberta. Faltava tão somente um "pequeno" passo: a máquina.



Tendo saído na frente, a equipe formada por Maristela, Karen e ele mesmo conseguira produzir o primeiro protótipo da máquina, que iria ser testado naquele dia, menos de cinco anos após a divulgação da teoria do vetor genético. Paul tinha um sentimento ambíguo com relação à máquina. Por um lado, tinha muito orgulho do trabalho que estavam desenvolvendo. Por outro, ainda não aceitara totalmente ser ele apenas um membro da equipe da pesquisadora Maristela Lisa, em vez de ela ser um membro da sua...

— Paul, vamos tomar café? — Mari terminara seu banho e parecia melhor. Paul a abraçou.

— Vamos, sim. Foi o mesmo pesadelo?

— Foi. Mas já passou.

Paul desistira de perguntar a Mari sobre seus pesadelos. Ela nunca discutia seus sonhos.

Com o passar dos anos, uma grande amizade brotara entre os dois, a ponto de Paul chegar a dormir com frequência na casa dela. No entanto, no dia em que ele achou que poderia dar um passo além da amizade, Mari lhe contou que tivera um grande amor na adolescência, e que esse amor acabara de forma traumática. Disse ainda que desde então não consegue se interessar por homem algum. Paul agradeceu a honestidade de Mari e, de certa forma, passou a admirá-la mais ainda, apesar dessa ser a segunda vez que Mari feria seu amor-próprio.

Mari nunca lhe havia revelado o nome de seu grande amor, mas ele tinha certeza que era Ernesto...

Mari permaneceu silenciosa durante o café da manhã. Paul queria muito se abrir com ela, pedir-lhe que não fosse, que deixasse um aluno voluntário fazer o primeiro intento. Ele queria lembrar-lhe, pela milésima vez, os riscos envolvidos. Queria garantir-lhe que ela iria depois, uma vez que a máquina do tempo tivesse sido testada. Mas ele a conhecia bem, muito bem, e sabia que nada disso faria com que voltasse atrás em sua decisão. Paul resignou-se.

\*

Paul e Mari chegaram ao campus do Fermi National Accelerator Laboratory, o Fermilab, às 7:30. Diante da grande porta de entrada da sala que correspondia ao Laboratório de Prospecção do Tempo, Karen discutia com um segurança armado.

— Você não pode me impedir de entrar nessa sala. Temos um experimento muito importante agendado e preciso proceder aos preparativos!

— Lamento, Doutora Svensson, mas minhas instruções são claras. Eu tenho que lacrar esta porta e não deixar ninguém entrar.

— Você tem algum documento oficial?

— Tenho sim, este documento do Dr. Courant, mas só posso entregá-lo à Doutora Maristela Lisa.

— Arrr! — Disse Karen, levando as mãos à cabeça num gesto de desespero, e afastando-se.

Mari e Paul assistiam escondidos à discussão, para que o segurança não os visse. Quando Karen aproximou-se, Paul a chamou.

— Vocês estavam aqui? O que terá ocorrido?

— Eu tive uma conversa ontem com o Reitor Williamson. — Disse Maristela. — Ele me garantiu que o Diretor do Fermilab, o Dr. Courant, havia autorizado o experimento. Mas me disse também que Courant estava sendo pressionado pela NSA, a National Security Agency, para suspender o experimento. Segundo a NSA, o experimento poderia representar uma ameaça para a segurança dos Estados Unidos...

— Parece que conseguiram o que queriam, não é? — Disse Paul. — O que vamos fazer?

— Olha, Paul, para todos os efeitos, o que eu sei é que temos autorização para conduzir o experimento. Eu somente serei informada de qualquer decisão contrária se for lá e receber o documento do Diretor...

— E, lógico, você não irá lá, nem abrirá seu e-mail hoje, não atenderá telefonemas, nem receberá faxes, não é? — Perguntou Karen, sorrindo.

— Mas então, como vamos entrar no laboratório? — Indagou Paul.

— Ora Paul, nós desenhamos o lab. Você esqueceu a saída de emergência?

— Fantástica idéia! Eu vou lá. — Disse ele.



Paul dirigiu-se à entrada do laboratório, onde estava o guarda. Após ser informado de que a sala estava interditada, retrucou.

— Escute bem, eu sou o Prof. Paul Klemper. Nessa sala tem material altamente radioativo. Se alguém não desligar logo o equipamento, poderá haver um vazamento letal!

O guarda, que até então parecia estar desfrutando de sua posição de autoridade, deu um passo para trás, assustado.

— Como assim, professor? Um vazamento letal?

— Não lhe informaram que o experimento que íamos fazer hoje envolvia bombardeamento radiativo?

— Bem, se é assim, é melhor o senhor professor entrar logo aí e desligar essa coisa, não é?

— É melhor sim! — Respondeu Paul, com ares de urgência que o guarda nem pôde notar, pois já estava a abrir a porta...

— Você quer entrar comigo? — Indagou Paul, seriamente.

— Não precisa não, não senhor. Mas não demore. — Disse o guarda.

Paul riu consigo mesmo, entrou, fechou a porta principal, foi até a saída de emergência, abriu a porta de emergência, colocou uma caneta no chão para que não travasse por dentro, e saiu.

— Pronto. Acho que agora provavelmente não haverá vazamentos. Mas pelas dúvidas, fique a pelo menos dois metros da porta! — Disse Paul, com autoridade, ao guarda que havia perdido toda sua pose.

\*

Paul acompanhou as duas pesquisadoras ao Laboratório de Prospecção do Tempo. Entraram pela saída de emergência e a lacraram. Do outro lado, a segurança garantiria que eles não seriam importunados.

O laboratório tinha o formato de uma semi-esfera. No centro da sala, um cilindro de cristal de 3 metros de comprimento por 2 metros de diâmetro parecia um enorme caixão circular e translúcido. Por trás do cilindro, um equipamento em forma de arco tridimensional, de 3 metros de altura por 2 metros de base e 3 metros de profundidade, lembrava uma máquina de ressonância magnética.

Os três pesquisadores tiveram que substituir os demais membros da equipe que, ao chegarem à entrada principal, iam sendo mandados embora pelo segurança. Após duas horas de verificação do equipamento e da fonte de energia, Paul informou ao computador central o código genético completo de Mari, bem como a data e horários exatos de chegada e de partida. Ela ficaria exatamente trinta minutos no passado. Qualquer intervalo de tempo mais longo tornaria o experimento por demais arriscado, reduzindo sua probabilidade de sucesso.

Tudo estava pronto às 10:25. Paul viu Mari subir na escada que levava ao cilindro de cristal. O objeto se abriu e ela deitou-se sobre uma prancha de alumínio em seu interior. Paul ligou os sensores cerebrais. Olhou para ela uma última vez. Os olhos de Mari expressavam um misto de apreensão e entusiasmo. Ela fechou os olhos. Paul lacrou a caixa e afastou-se. Karen iniciou a contagem regressiva às 10:29:50.

— 10, 9, 8.

Mari parecia serena no cilindro de cristal.

— 7, 6, 5.

Aos 42 anos, Mari guardava um belo semblante, com seus longos cabelos pretos. No entanto, quando fechava os olhos, dava a Paul a impressão de uma pessoa sofrida.

— 4, 3, 2, 1.

Paul acionou o dispositivo de início da fase 1 do experimento. Um gás branco penetrou o cilindro por um tubo conectado à altura da cabeça. Por outro tubo, situado à altura dos pés, entrou um gás de cor esverdeada. Os dois gases continuaram a encher o recipiente até que não se via nada além de uma espessa fumaça de coloração verde clara.

Os sensores indicaram que as ondas cerebrais de Mari haviam atingido a frequência teta.

Paul acionou o dispositivo de início da fase 2. O cilindro se movimentou em direção ao arco, parando somente quando atingiu o centro do grande máquina. Em seguida milhares de luzes se acenderam na superfície interna do arco e alguns sons estranhos e aparentemente desordenados tomaram conta do laboratório.

Pensando no segurança, lá fora, Paul lembrou-se com satisfação do isolamento sonoro do laboratório. A equipe colocou protetores de ouvidos, reduzindo o desconforto do ruído. O som aumentou



de volume progressivamente, mas tornava-se mais regular, até o momento em que se estabilizou em uma nota aguda, mas suave e constante.

Paul acionou o dispositivo de início da fase 3.

\*

Mari se sentiu tonta. Abriu os olhos e viu apenas um gás espesso de coloração verde clara. Subitamente, o gás começou a se separar em dois. Um, de tonalidade mais branca, começou a se mover em direção à sua cabeça, enquanto outro, de coloração verde dirigia-se para seus pés. Os gases saíram, cada um por um tubo. O cilindro se abriu. Paul olhava para ela. Mari levantou-se e começou a andar de costas pela escada de acesso.

Mari encheu-se de uma emoção incontrolável. Ela estava presenciando a primeira aplicação prática de sua teoria! O vetor genético funcionara! Ela estava percorrendo o caminho de volta dentro de seu corpo. A velocidade aumentava. Mari "chegava" em casa, esta manhã, estava tomando café com Paul, estava banhando-se, dormia...

Quando atingiu uma semana no passado, Mari perdeu a capacidade de acompanhar seu vetor genético. As coisas aconteciam muito rapidamente. Tudo muito confuso, uma sucessão de cores, tal qual um caleidoscópio diante de seus olhos, acompanhado de sons irreconhecíveis. Até que, subitamente, o silêncio se impôs.

\*

— Maristela, o Ernesto chegou. Não vá se atrasar para o cinema!

Era a voz de sua mãe. Mari se olhava no espelho. Passava batom. Tão jovem... Dezessete anos. Lembrou-se.

— Já vou, mãe. — Disse ela, sem controlar as palavras que saíam de sua boca.

Mari colocou perfume e saiu. Sem dúvidas, era a casa de seus pais no Lago Norte, em Brasília. Ela havia conseguido!

Ao descer, beijou sua mãe, na copa, e se despediu. Antes de sair, aproximou-se da geladeira e riscou o dia 15 de março, ano de 2004, na folhinha magnética que sua mãe fazia questão de deixar pendurada.

Lá fora, Ernesto a esperava. Saudou-a com um beijo. Como Mari saboreou esse beijo! Esperara 25 anos para recebê-lo. Foi o melhor beijo de sua vida!

O tempo, que lhe tirara Ernesto, estava trazendo-o de volta! Mari o havia conhecido aos 13 anos, na escola. Tornaram-se logo grandes amigos. Aos 15, começaram a namorar. E aos 17 anos, Mari estava completamente segura de haver encontrado sua alma gêmea.

— Pronta? — Perguntou Ernesto.

"Agora é o momento de agir", pensou ela, e tentou dizer a Ernesto que eles não deveriam sair aquela noite, que deveriam ficar lá mesmo, em casa. Que algo terrível ocorreria se eles saíssem. Abriu a boca e ouviu-se dizer:

— Prontíssima! Mas atenção, dirige devagar que se a polícia te parar, vai te prender por aliciamento de menores! — Ernesto já havia completado 18 anos.

Maristela assustou-se ao ver-se caminhar para o carro de Ernesto, abrir a porta e entrar. Ernesto também entrou e deu partida no carro.

"O que está acontecendo? Não estou conseguindo dominar minha fala. Nem meus gestos", pensou Mari. "Deve ser o efeito da viagem no tempo. Tem que ser temporário. Somente até que eu tome controle de meu corpo".

Mari tentou relaxar. Sua primeira tentativa foi de controlar sua voz. Se pudesse dizer o que queria a Ernesto, tudo seria resolvido.

Mas era muito difícil. Seu alter-ego falava o tempo todo! Ela havia esquecido como gostava de conversar aos 17 anos. Sobretudo quando estava com o Ernesto, tão atencioso e calado... "Pára de pensar no Ernesto!", disse Mari para si mesma. Assim não conseguiria se concentrar.

O carro atravessava a ponte do Bragueto. Já se passaram dez minutos. Mari tinha que fazer algo rapidamente. Não era possível que ela não controlasse seu corpo. Foram 25 anos de sua vida, desde que decidiu estudar física para mudar seu passado. Foram 800 milhões de dólares investidos em pesquisa pelo National Science Foundation e pela Universidade de Chicago. Tudo isso para construir uma máquina que tinha o mesmo efeito que uma sessão de hipnose no psicanalista local!



Não, não podia ser! Seus cálculos estavam corretos. Sua teoria havia passado pelo escrutínio dos maiores físicos que conhecia. Tinha que ser apenas uma questão de tempo.

Maristela se acalmou. Era importante concentrar-se. Pequenos movimentos. Algo bem pequeno. Focou sua atenção no dedo indicador. De repente ouvir Ernesto dizer:

— Mari, eu adoro conversar com você! Você é tão legal!!

Mari teve vontade de chorar. Gostava tanto do Ernesto. Esperara tanto para reencontrá-lo. E não podia nem sequer prestar atenção ao que ele dizia!

Tinha que se concentrar. Tentou ignorar o que se discutia no carro. Tentou não prestar atenção ao que via lá fora, no Eixão Norte. Demorou, mas conseguiu. Fixou sua atenção exclusivamente no dedo indicador direito. Nada. Tinha que conseguir movê-lo. Ainda não. Concentrou-se mais. Subitamente, sentiu o dedo se mover. "Consegui!", pensou ela. Mas logo depois, sua mão se direita se levantou e Mari coçou seu ouvido.

"Será que fui eu, ou foi ela quem mexeu o dedo?", perguntou-se. Não podia duvidar agora. Tinha que continuar tentando.

O carro atravessara a Rodoviária pela pista de baixo. Mais dez minutos passados. "Calma, Maristela Lisa, você vai conseguir", pensou consigo mesma.

Tentou novamente mover o dedo. Não conseguiu. Nova abordagem. Concentrar-se em cada músculo do dedo indicador, por dentro da pele. Visualizou os músculos. Viu-os se contraindo. O dedo mexeu!

Eureka! Deve ser isso.

Tentou agora visualizar os músculos dos ombros. Eram muitos. Viu os ossos por trás. Tentou mover o conjunto. Inútil. Mudou para as pernas. Parecia mais fácil.

O carro chegara ao estacionamento do centro comercial Pier 21. Maristela sentiu a angústia crescer dentro de si. Era lá que tudo havia acontecido.

Mas não podia se deixar levar por esse sentimento. Concentrou-se.

Ernesto e Mari saíram do carro.

Visualizou cada músculo de cada uma de suas pernas.

Subitamente, eles foram cercados por dois rapazes, cada um com uma arma na mão. Um ao lado de Mari, o outro do lado de Ernesto.

Visualizou os ossos de cada perna.

— Isto é um assalto. Entra no carro. Quietinho, filho da puta! — Diz aquele que está perto de Ernesto.

Ela tentou mover as pernas.

— Não faz nada, Ernesto! Não reage! — Mari se ouviu gritar.

Ela tentou mover as pernas novamente. Conseguiu flexioná-las!

Ernesto atacou o assaltante que se encontrava próximo a ele. Os dois começaram a lutar.

— Pára! Meu Deus! — Gritou Mari, desesperada.

Mari viu, assustada, o assaltante que estava próximo a ela apontar a arma na direção de Ernesto.

Ela tinha o controle das pernas. Num esforço sobre-humano, conseguiu distender com força os músculos.

Mari saltou na frente do marginal. Nesse exato momento, ouviu um ruído de revólver e sentiu uma profunda dor no peito.

\*

Com os olhos fixados no relógio digital, Karen aguardava, ansiosa.

— Já se passaram 30 minutos.

— É, mas tem ainda o período do deslocamento no tempo para ir e depois para voltar. Espere mais alguns segundos. — Disse Paul.

Subitamente, a nota aguda que pairava no ar se transformou em uma série descontrolada de sons estranhos. As luzes internas do aparelho voltaram a brilhar intensamente. Karen sentiu um imenso alívio.

Alguns segundos mais tarde, o ruído deu lugar ao mais profundo silêncio. Karen, seguindo o gesto de Paul, tirou seus protetores de ouvido. Ela ouvia um zumbido fino, provavelmente um eco produzido em seus tímpanos associado ao longo período de exposição ao ruído.



As luzes da superfície interna do arco se apagaram. O cilindro de cristal se movimentou para fora do aparelho.

Karen sentiu seu coração disparar. Era o momento da verdade. Ela não conseguia ver nada além daquele maldito gás verde. Tinha que esperar mais dez segundos, que lhe pareceram uma eternidade. Finalmente abriu o receptáculo.

O gás começou a se dispersar. Karen pode vislumbrar uma figura. Não havia sinais de queimadura ou qualquer outra anomalia. Tudo parecia normal. "Oh, Deus, por favor!", pedia Karen.

Seus olhos se abriram!

Karen não esperou que se levantasse totalmente. Pulou sobre Ernesto e abraçou-o com toda sua força!

\*

Depois do abraço descontrolado, Karen esperou que Ernesto se recompusesse e saísse do cilindro. Ele parecia exausto. Karen perguntou:

— Então, Ern, como foi?

— Foi terrível, Karen. Eu passei os trinta minutos tentando controlar meu corpo, sem conseguir. Eu estava dirigindo a maior parte do tempo, e tinha medo de causar um acidente. Quando finalmente saí do carro, não pude fazer nada. Não consegui controlar nem sequer o movimento de meu dedo indicador!

Ela então percebeu que, mais do que exausto, Ernesto estava era arrasado.

— Mas Ernesto, — interveio Paul, — a teoria do vetor genético é clara. A consciência deve poder controlar seu alter-ego.

— Eu não sei, Paul. Foi horrível, amigo!

— Vamos sair daqui, Ernesto, você está um caco. — Disse Paul.

— Talvez seja melhor mesmo. Eu não consigo pensar em nada, agora.

— Eu levo você para casa, Ern. — Disse Karen, deixando se apoiar sobre seus ombros aquele homem que, há menos de uma hora, entrara a máquina de vetor genético cheio de entusiasmo, certo de que sua invenção lhe traria de volta o que o tempo lhe tirara.

Ao caminhar, Karen sentia uma imensa admiração, mas também um grande pesar, por aquele homem. Ern trabalhara sem tréguas durante 25 anos com o único objetivo de voltar ao passado e salvar sua amada. E quando finalmente conseguira viajar no tempo, fora obrigado a reviver o ignóbil assassinato, sem nada poder fazer para impedi-lo!

Karen o conduziu para fora do laboratório, pela saída de emergência. "Você está cansado e deprimido agora, Ern. Não pode ver as coisas com clareza", pensou ela. "Mas eu te conheço muito bem. Você voltará..."

## RÉQUIEM PARA UMA CIVILIZAÇÃO

Leandro G. Cardoso

Há vinte anos eles haviam chegado. Estávamos ainda iniciando a exploração de nosso sistema solar, e eles já conquistavam as estrelas. Era a terrível invasão espacial, da qual tanto nos alertaram nossos autores de ficção científica.

De início sequer compreendemos exatamente o que estava acontecendo. Nossos rádio-telescópios haviam vasculhado os céus durante anos, em busca de sinais inteligentes oriundos de outras estrelas, e durante anos nossos esforços haviam sido em vão. De repente, porém, todos passaram a receber aquelas mensagens, que saturaram as frequências normais de comunicação, bastante audíveis nas línguas de cada uma das nações onde estavam instalados os rádio-observatórios.

Uma intimação! Exigiam que nos rendêssemos, sem nenhuma explicação sobre como ou por quê. Nenhuma instrução sobre as presumíveis negociações de capitulação, ou sobre a também presumível ocupação. Apenas a ordem de não tentarmos resistir.

É claro que quase ninguém, além dos cientistas, acreditou na veracidade das mensagens recebidas. Dúvidas foram levantadas, idoneidades contestadas e as mútuas desconfianças quase levaram a uma catastrófica guerra nuclear. Entretanto, em breve foram detectadas diversas naves, gigantescas pelos



nossos padrões, entrando em órbita ao redor de nosso planeta. Isto convenceu até os mais céticos, e o pânico resultante teve o mérito de acelerar os preparativos para nossa defesa.

Todos os nossos veículos espaciais foram postos em condições de combate em apenas quatro dias. Cinco transportadores orbitais reutilizáveis, com capacidades de carga variando entre seis e quarenta toneladas, além de vários foguetes convencionais descartáveis, foram carregados com poderosos mísseis nucleares, que haviam sido construídos para destruir a nós mesmos, mas que serviriam agora a uma causa bem mais nobre.

Os transportadores e os foguetes decolaram todos ao mesmo tempo, com a intenção de surpreender nossos inimigos através de um ataque maciço. Certamente suas naves sucumbiriam ante dezenas de poderosos artefatos termonucleares.

Mas nossos veículos nem mesmo chegaram a entrar em órbita. Raios de natureza desconhecida, dotados de imensa energia, os transformaram em nuvens de gases ionizados tão logo deixaram a atmosfera. Nossas esperanças de defesa literalmente dissiparam-se no espaço, poucos instantes após partirem de suas bases de lançamento.

E o inferno então desceu à superfície de nosso mundo. Sem nenhum motivo além de termos sido impertinentes a ponto de tentarmos nos defender, diversas de nossas maiores cidades foram arrasadas por armas que para nós pareciam castigo dos céus. Centenas de milhões de indivíduos pereceram sob os escombros do que antes haviam sido grandes centros urbanos. Os invasores mostraram que não seriam complacentes. Exterminariam imediatamente qualquer foco de resistência.

Tivemos que nos entregar, e permitir que suas naves pousassem. E só então ficamos sabendo a razão de tudo aquilo, o porquê de nos atacarem sem piedade. Nosso planeta possuía imensas jazidas de metais pesados, até por nós desconhecidas, os quais eram muito valiosos para a civilização dos alienígenas. Quando soubemos dos metais ficamos aturdidos pelo uso de tamanha violência por tão pouca coisa. Estaríamos dispostos a ceder-lhes de bom grado a exploração das minas, pois elas pouco nos importavam. Não teríamos mesmo condições de aproveitá-las por muito tempo ainda.

Mas as minas não eram todo o problema. Eles precisavam explorá-las, mas não desceriam pessoalmente a quilômetros de profundidade dentro de terra solta, lençóis de água e rocha sólida até alcançar os veios de minério. E nos túneis inconsistentes das minas os robôs, além de muito dispendiosos, não teriam um rendimento satisfatório. Eles usariam a nós para realizar o trabalho. Seríamos escravizados!

Quando soubemos de suas intenções tornamos a tentar atacá-los. As forças armadas de diversas nações tentaram, pelo menos, expulsá-los para fora de suas fronteiras. Tais nações deixaram de existir!

Fomos forçados a nos submeter, e o caos então se instalou em nosso mundo. Divisões políticas, geográficas e culturais não faziam o menos sentido para eles. Populações inteiras foram forçadas a se deslocar de suas regiões e países de origem para os locais onde seriam necessários aos objetivos dos invasores. As últimas grandes cidades foram abandonadas, todo o sistema de produção e comércio entrou em colapso e o desespero dominou a nossa raça.

Todas as indústrias importantes foram destruídas, sob a alegação de que desviavam mão de obra inutilmente. Parte da população era empregada nas minas, parte era confinada nas cidades, como reserva, e o restante era obrigado a trabalhar nos campos, para sustentar o resto. O ambiente nas minas era terrivelmente insalubre, devido à elevada temperatura, à umidade, às emanações gasosas e à tóxica poeira metálica. A expectativa de vida dos mineiros era de apenas um quarto do tempo de vida normal, e a ocorrência de acidentes era bastante comum, mas isto para os invasores não fazia a menor diferença. Havia muitos de nós, poderíamos ser sacrificados.

Para a substituição das baixas foram criadas as "reservas", que eram na realidade as cidades sobreviventes colocadas sob intensa vigilância, e onde eram aglomeradas grandes massas da população, que seriam utilizadas para manter constante o número de trabalhadores nas minas, apesar do grande número de mortes. Os que viviam nos campos eram forçados a trabalhar de maneira brutal, enquanto as péssimas condições de habitação e higiene ocasionavam constantes epidemias, que matavam milhares de indivíduos por ano.

Vendo este terrível quadro, os religiosos e os cientistas se uniram, tentando criar programas de saúde e assistência social, em uma vã tentativa de melhorar as condições as quais estávamos submetidos e tornar a vida ao menos suportável. Foram devido a isto tomados como subversivos, perseguidos implacavelmente e exterminados, enquanto todas as atividades intelectuais e religiosas eram postas na ilegalidade.

Apenas alguns meses após a invasão os alienígenas montaram uma enorme cúpula geodésica, sob a qual erigiram a sua cidade. Precisavam da cúpula, pois embora a gravidade de nosso planeta se



assemelhasse bastante à do mundo deles, os gases que compunham nossa atmosfera lhes eram venenosos. Isto era uma boa mostra de quão diferentes eles eram de nós, tanto física quanto espiritualmente. Na realidade, o que havia sob a cúpula não era exatamente uma cidade, mas uma poderosa base militar, montada com o intuito de vigiar nossas atividades e nos dissuadir de qualquer tentativa de levante.

Era da cúpula geodésica que partia a opressão. Com uma base em nosso próprio mundo eles lograram sustar todo o desenvolvimento de nossa raça, e ainda nos fizeram regredir mais de um século em nossa civilização. Podíamos ver sob a cúpula todos os benefícios materiais de um grande avanço tecnológico, mas não tínhamos o direito de desfrutar dele. Afinal, éramos apenas escravos, à disposição de suas necessidades e caprichos.

Nossas crianças eram tomadas de nós ainda recém nascidas, e condicionadas desde cedo a serem dóceis à escravidão. Devido a isto, nossa população passou a apresentar uma taxa de decréscimo bastante acentuada, o que os levou a selecionar casais segundo seus próprios critérios e a forçá-los a servirem como reprodutores.

Nas minas, a revolta de um único mineiro podia facilmente levar a morte de dezenas de inocentes, enquanto eram realizados frequentemente ataques de intimidação contra as reservas, onde dezenas ou mesmo centenas de vítimas podiam perder a vida inapelavelmente. Os invasores estavam começando a criar o hábito de nos caçar!

Vinte anos! Toda uma geração com as mentes completamente destruídas. Em breve o futuro de nossa raça estaria totalmente arruinado. Após duas décadas de terror, não poderíamos suportar mais. Iríamos nos sublevar! Esta era uma idéia antiga. Pensávamos constantemente nisto desde que fôramos conquistados, mas agora faríamos alguma coisa, pois agora estávamos preparados!

O trabalho nas minas era realizado com o auxílio de diversos tipos de máquinas: Carretas motorizadas, martelos mecânicos, perfuratrizes laser e até mesmo bombas nucleares de baixa potência. Tal tecnologia, embora nós soubéssemos poder ser utilizada de forma letal em uma guerra, não impressionava os alienígenas nem um pouco, tão acostumados estavam a ela. Na verdade, eles tinham apenas uma vaga idéia do perigo representado por estes equipamentos, e treinaram-nos para utilizá-los, consertá-los, e até mesmo produzi-los, de forma a poder explorar as minas no ritmo que lhes era necessário. E contentavam-se apenas com um controle superficial destes artefatos.

Simulávamos então acidentes, às vezes com o sacrifício de alguns de nós, e juntávamos material para os nossos fins. Construimos depósitos nas minas onde ao longo dos anos montamos verdadeiros arsenais, os quais permaneceram totalmente secretos, pois os alienígenas jamais desciam pessoalmente às inseguras galerias que nos forçavam a cavar. E os robôs de vigilância eram facilmente ludibriados, sendo que por vezes até destruíamos alguns para roubar material, e púnhamos a culpa nos freqüentes desabamentos. Já contávamos com um verdadeiro exército, muito bem organizado, e esperávamos apenas por uma oportunidade.

E esta finalmente surgiu. Uma revolução em outra colônia, ou uma guerra talvez, obrigou os invasores a deslocar as naves de combate que vigiavam nosso sistema solar para uma estrela distante. Era a nossa chance!

Os minérios eram transportados em naves intra-orbitais das minas até os grandes cargueiros interestelares em órbita, para daí seguirem para onde quer que fosse o seu destino final. Estes transportes foram de início pilotados exclusivamente pelos próprios alienígenas, mas seu número cresceu tanto que eles se viram obrigados a nos incumbir de pilotar alguns deles. E agora quase todos eram pilotados pela nossa gente.

A um sinal de rádio, a grande maioria dos transportes, cujo número se elevava às centenas, dirigiu-se para as aberturas secretas que havíamos escavado em ligação com os nossos arsenais, de onde receberam o material bélico que havíamos preparado, transformando-se em naves de guerra. Receberam também a bordo milhares de soldados e veículos, armados com lasers portáteis e granadas, a base de nosso exército.

Os invasores estavam completamente desprevenidos, e a princípio não souberam como reagir ao desaparecimento das naves intra-orbitais. Pudemos completar nosso trabalho sem nenhuma interferência além da dos robôs, a qual eliminamos facilmente. Em poucas horas havíamos montado a nossa força de ataque.

Mas então os problemas começaram a surgir. Os alienígenas descobriram onde estavam nossas naves, e mandaram contra nós os vinte cruzadores atmosféricos que possuíam. Em pouco mais de meia hora de batalha aérea perdemos quase metade de nossa frota, mas utilizando a técnica suicida do abalroamento em vôo conseguimos vencer, e agora só restava a cúpula geodésica!



Desembarcamos nossa infantaria a vinte quilômetros da cúpula, atrás de uma cadeia de montanhas baixas. Não tínhamos coragem de expor nossas naves em um ataque direto, pois sabíamos que o inimigo contava com várias estações de rastreamento, e no céu não existem acidentes geográficos que possam ocultar o avanço de uma nave. A ofensiva teria mesmo que ser por terra.

Foi um massacre! A cúpula estava dotada de armas suficientes para deter milhões de atacantes, e pouco mais de mil soldados, mesmo que relativamente bem armados, nada representavam para suas defesas. Ao detectar qualquer movimento hostil, através de seus veículos automáticos de observação, os alienígenas lançavam mísseis inteligentes equipados com ogivas de anti-matéria contra ele, e trinta ou quarenta explosões foram o suficiente para acabar com o nosso exército. Houve pouco mais de dez dúzias de sobreviventes, e praticamente todo o equipamento foi perdido.

Estávamos desesperados! Mal podíamos acreditar que nosso levante, que começara tão bem, havia fracassado de forma tão miserável. Só nos restavam agora os transportes orbitais armados, alguns soldados aterrorizados e mais alguns milhares de indivíduos equipados com velhos fuzis, espingardas e bombas de antes da invasão, postados nas ruínas de uma cidade abandonada a quarenta quilômetros da cúpula. Os pilotos de nossas naves decidiram então decolar para um ataque final. Não havia esperança alguma de vencer, mas desistir agora seria traição para com nossa raça e para com aqueles que morreram tentando alcançar a liberdade para o nosso povo. As tripulações dos transportes prepararam-se para juntar-se à infantaria, no reino dos mortos.

Porém, estávamos completamente enganados. Os alienígenas na cúpula haviam-se preparado para resistir a um forte ataque terrestre, pois a idéia de milhares de escravos lançando-se furiosamente sobre seu reduto é bastante natural a qualquer tirano, mas não contavam em ter que se haverem sozinhos contra um ataque aéreo. Em condições normais, suas naves de combate em órbita poderiam detectar e destruir qualquer aeronave atacante com seus instrumentos e armas fabulosos. Mas tais naves não se encontravam em nosso sistema solar no momento, e os próprios mísseis de anti-matéria, que haviam arrasado o nosso exército, eram do tipo terra-a-terra, não se prestando a uma defesa aérea eficaz.

Nossos inimigos viram nossos transportadores orbitais aproximando-se nas telas de seus radares, mas pouco puderam fazer. Muitas de nossas naves foram destruídas, mas a maioria escapou das defesas e uma única bomba nuclear, detonada próximo à cúpula, foi suficiente para romper o envoltório, e a atmosfera de nosso mundo tomou conta de seu quartel general. Os poucos alienígenas que tiveram tempo de vestir seus trajes pressurizados foram eliminados poucas horas mais tarde, quando nossos combatentes penetraram na fortaleza, enquanto nossas naves davam cabo de alguns objetivos secundários.

Nosso planeta era nosso novamente! Conseguíamos nos livrar dos invasores, e agora possuíamos a sua própria tecnologia para a nossa defesa, pois afora o rombo na cúpula geodésica e alguns danos menores sua fortaleza estava praticamente intacta. Capturamos todo o equipamento que era antes usado para nos oprimir: Armas portáteis, canhões iônicos, mísseis de anti-matéria e muitas coisas mais. Estes equipamentos poderiam transformar nossa frota de naves orbitais em uma força respeitável.

E entre o material capturado estavam um comunicador supra-luminal e um transceptor taquiônico, que nos permitiriam comunicação rápida ou mesmo imediata através das distâncias interestelares. Com estes aparelhos poderíamos interceptar as mensagens de nossos inimigos, descobrindo assim seus planos, e desta forma contávamos em poder preparar melhor as nossas defesas.

Sabíamos que todos os povos que habitavam as estrelas em um raio de pelo menos quinhentos anos luz haviam sido conquistados pela mesma raça que atacara nosso planeta e que, como nós, eles haviam sido obrigados a aprender a língua dos invasores, pois estes jamais se rebaixavam a aprender a dos vencidos. Por isto podíamos ter a certeza de que não enfrentaríamos dificuldades para compreender as transmissões captadas. Todas elas seriam na odiosa língua dos invasores, incluindo é claro as deles próprios.

Parecia-nos que tudo iria funcionar. Contávamos em utilizar nossas naves, agora bem equipadas, para nos defender de um primeiro ataque, e assim ganhar tempo suficiente para nos preparar e enfrentar uma guerra de longa duração. Já estávamos organizando a produção em massa de mísseis nucleares de grande porte, equipados com computadores dotados de inteligência artificial e os antigos estaleiros navais que não haviam sido destruídos serviriam para construir nossas naves de guerra blindadas. Com os conhecimentos que tínhamos capturado nos seus bancos de dados poderíamos em poucos anos construir armas semelhantes as que os próprios alienígenas utilizavam. Assim talvez pudessemos conseguir que eles desistissem de ocupar o nosso mundo, e nos deixassem em paz. Mas era tudo ilusão. As mensagens que as naves inimigas trocavam entre si e com suas bases não deixavam lugar para esperanças.



Subestimáramos nossos algozes. Eles haviam erigido um verdadeiro império estelar, e o que ocorrera fôra um simples problema fronteiro. Uma poderosa frota, com centenas de naves de combate, estava se dirigindo ao nosso mundo, e pelo que podíamos ouvir sobre ela nossas poucas naves não teriam a menos chance de nos defender. As unidades inimigas alcançariam nosso planeta, e nós já conhecíamos suas intenções, pois as outras transmissões captadas revelavam-nas a nós.

Ondas eletromagnéticas e taquiônicas reverberavam pela galáxia, testemunhas de catástrofes há muito ocorridas. Estrelas choravam a morte de suas raças filhas, vítimas do mesmo povo que nos escravizara, e nossa em breve seria mais uma entre elas.

Nosso planeta seria esterilizado! Bombas de anti-matéria gigantescas seriam detonadas em órbita de nosso mundo, e a quantidade de radiação gama assim produzida eliminaria qualquer forma de vida existente em sua superfície. Depois disto os alienígenas colonizariam novamente o planeta com outras formas de vida e outra espécie inteligente já "domesticada", e retomariam a exploração das minas.

Seríamos nós as próximas vítimas desta terrível raça de carrascos galácticos, oriunda de um mísero planetóide que gravita ao redor de uma minúscula estrela amarela, perdida na imensidão do cosmo.

Os malditos assassinos terráqueos!

## INCIDENTE NO PARQUE TRIANON

Carlos Rubinstein

Saí do Trianon-Masp, perto do final da tarde. Aguardei o sinal do farol e atravessei a Avenida Paulista. Decidi cortar caminho atravessando pelo parque Trianon, e me perdi por uma de suas sendas.

No parque, um homem que não conhecia, vestido de forma estranha, pára na minha frente e me observa. Acho que eu mudei meu rosto da mesma forma que ele transformou o seu.

Fiquei surpreso e curioso, o cara era uma raridade daquelas que normalmente encontram-se no teatro. Talvez era isso, um ator... talvez tudo aquilo não era mais que uma dessas pegadinhas da televisão.

Decidi ignorá-lo e tentei ultrapassá-lo pela direita, mas ele tentou a mesma coisa e quase que batemos de frente. Fui para a esquerda, e ele também foi. Sorrimos.

– Meu amigo, se fosse sábado poderia ficar o dia todo. Mas você me desculpa... é que estou com algo de pressa.

– Mas hoje é sábado! Você não sabe? – respondeu o estranho.

– Hoje?! Hoje é segunda-feira! – e na hora pensei que o cara estava doido.

– Meu senhor, porque não dá uma olhada no jornal que está sobre aquela banca.

Me virei e olhei.

– Jornal? Que jornal?! Que banca?! Você está brincando comigo? – perguntei algo tenso.

Mas o homem também estava ficando nervoso. Ele bisbilhotou sobre meu ombro, como procurando alguém. Olhou para os lados... e quando achei que finalmente começaria o assalto, ele passou de lado, caminhou alguns passos e pegou um jornal de algum lugar, não sei de onde.

– Olhei aqui meu amigo – e me mostrou o jornal - Sábado, 9 de abril de 1892.

– Bom. Além de você ser mago, tomo-se o trabalho de conseguir uma antiga edição do jornal daquela época. Para que tudo isso? Aliás, olha as páginas desse jornal. Você não acha que estão muito novas?

Caminhei até o cesto de lixo que estava dum lado da senda, peguei o jornal do cesto e mostrei para ele.

– Olha aqui – e mostrei o jornal para ele – Segunda-feira, 3 de Novembro de 2003.

O homem ficou pálido e olhou para mim sem compreender.

– De onde você tirou esse jornal, com cores e tantas páginas?

– Daquele cesto de lixo, você não enxerga?

– Não! Que cesto meu amigo?

Então compreendi que algo estava errado. As roupas daquele homem não pareciam ser roupas velhas, o cara estaria muito bem vestido se estivessemos no século passado, lembro muito bem de ter visto fotos daquela época. Mas o que realmente me impressionava era quão bem o homem estava atuando. Porque se ele não estava atuando, ele estava totalmente louco.

– Você não está vendo aquela carroça atravessando a avenida? – perguntou.



- Você não vê o museu? Os ônibus e os carros? – perguntei.
- Tá vendo aquela casa da esquina, eu moro aí – diz ele.
- Tá vendo aquele prédio lá no fundo, eu moro aí – respondi.
- Você está louco! – diz ele.
- Não, você quem está! – falei.

Mas então, aconteceu. De trás dele consegui observar as carroças, o céu parecia mais limpo, a brisa mais leve e o Trianon Masp tinha sumido. Parecia que um filme de final do século estava passando e bem na minha frente estava a São Paulo daquela época. A avenida repleta de lodo, com árvores no meio, era praticamente irreconhecível.

Ele pareceu estar tendo as mesmas visões que eu, só que da nossa época. Não precisou dizer nada, li a expressão de assombro nos seus olhos.

Depois, desapareceu. Foi num instante... e todo voltou a ser como era.

Eu, fiquei com o jornal dele.

Mas ele, ficou com o meu...

## A MÁQUINA DE ATAVISMO

The Atavism Device

Ahmed A. Khan [Canada]

Tradução de Ataíde Tartari

Sou um biólogo pesquisador e, modéstia à parte, bom no que faço.

Por um bom eu fiquei fascinado pelas diferentes teorias da evolução. O quanto de verdade havia em cada uma delas? Eu desejava colocar minhas mãos em alguma evidência conclusiva sobre elas. Todas as evidências ao meu redor eram de natureza circunstancial, sujeitas a numerosas interpretações. Eu não estava satisfeito. Então, afinal, minhas pesquisas me levaram a um método a prova de falhas para se testar as teorias evolucionárias.

Meus colegas e eu desenvolvemos o que chamamos de "Máquina de Atavismo". Era baseada em algumas das últimas descobertas no campo da pesquisa Kirlian.

Kirlian foi um cientista russo que descobriu que cada ser vivo tem uma aura distinta. Ele desenvolveu uma câmera que poderia fotografar essa aura. Com o passar do tempo, a idéia da aura Kirlian caiu nas mãos dos místicos, médiuns, videntes e charlatões e perdeu credibilidade científica. Mas recentemente no século 21 houve um renovado interesse na aura Kirlian. Cientistas têm desenvolvido máquinas que fazem mais que gravar auras passivamente. Agora as máquinas são capazes de efetivamente manipular a aura. Descobriu-se que induzindo uma mudança na aura de uma entidade, mudava-se a própria entidade.

Nosso grupo de pesquisas descobriu uma maneira de manipular a aura Kirlian de modo que seriam removidas, camada por camada, as mudanças evolucionárias da entidade, redesenhando-a na forma de seu ancestral na antiguidade.

Na aparência, a Máquina de Atavismo se parece com uma fria caixa de armazenamento onde se pode entrar. Sua parte frontal é de vidro para se poder observar. Era a maneira ideal de se testar as teorias evolucionárias.

O primeiro espécime com o qual testamos a máquina foi um sapo. Nós o colocamos dentro, ligamos a máquina, e descobrimos como a evolução funcionou no caso do sapo. Nós vimos as pernas desaparecendo. Nós vimos o corpo se alongando. Nós vimos as barbatanas e guelras aparecendo. Nós vimos o corpo diminuindo. Nós vimos as barbatanas e guelras desaparecendo novamente. Então a máquina deu um bipe. Era um sinal de que o espécime estava em seu estágio atávico final. Neste ponto aconteceu algo inesperado. Houve um flash de luz tão brilhante que tivemos de fechar os olhos. E quando os abrimos novamente, vimos que no lugar do sapo havia uma trilobita.

Nós então experimentamos a Máquina de Atavismo com vários espécimes de animais primitivos. Funcionou maravilhosamente. Parecia que, ao menos nos organismos primitivos, a evolução biológica era um fato.

Nós continuamos com as experiências, vagorosamente subindo a escada evolucionária até chegarmos aos primatas. Nosso primeiro exemplar nesta categoria foi um macaco macho. Nós colocamos



o macaco na máquina. Rapidamente observamos mudanças na aparência do macaco. Vimos o pêlo desaparecer. Vimos os braços ficarem mais curtos. A Máquina de Atavismo estava funcionando bem. A evolução parecia estar funcionando nos primatas também, mas nós não tínhamos certeza no que que o macaco estava se transformando.

E então veio o bipe que sinalizava a fase final do processo.

Eu fiquei um tanto surpreso. O bipe tinha vindo mais rápido do que eu esperava. Poderia isso significar que o macaco pulara vários degraus acima na escada evolucionária?

Aguardando o flash luminoso final, estávamos todos usando óculos escuros, mas quando o flash veio, eu instintivamente fechei os olhos. Imediatamente ouvi um suspiro coletivo de meus colegas.

Eu abri os olhos e olhei para a máquina.

Lá, no lugar do macaco, jazia o corpo de um homem.

#### ANIVERSARIANTES EM MARÇO

<b>1</b>	103	Paulo Roberto Elache Ribeiro Duarte	São José dos Campos	SP
	166	Fernando de Arruda Postigo	São Bernardo do Campo	SP
	180	Walter Soto Encinas Júnior	São Carlos	SP
<b>4</b>	8	Norton de Almeida Coll	São Paulo	SP
	456	Suzi da Costa Teixeira	Rio de Janeiro	RJ
<b>5</b>	265	A. B. Maciel	Rio de Janeiro	RJ
	285	Finisia Fideli	São Paulo	SP
<b>6</b>	367	Liana Flavian	Curitiba	PR
<b>9</b>	236	Ede de Oliveira Silva	São Paulo	SP
<b>10</b>	403	Aécio Alcântara Vitalino	Fortaleza	CE
	500	Ana Paula Freire Gonçalves	Rio de Janeiro	RJ
<b>11</b>	409	Fábio Luiz Moraes Milan	Niterói	RJ
<b>12</b>	10	Ismael de Carvalho	Rio de Janeiro	RJ
	40	Gil Augusto Lago Mello Freire	São Paulo	SP
	74	Álvaro Ricardo de Souza Júnior	São Paulo	SP
<b>13</b>	310	Edson Arantes	São Paulo	SP
<b>15</b>	6	Ivan Carlos Regina	São Paulo	SP
<b>17</b>	390	José Antonio Rodrigues Fernandes	Rio de Janeiro	RJ
<b>18</b>	232	Carlos Alberto Angelo	Guarulhos	SP
	313	Márcio Q. Dall'Agnol	Rio de Janeiro	RJ
	378	Marcos Akio Katsutani	São Paulo	SP
<b>19</b>	32	José Alves Pereira Filho	Campo Grande	MS
	254	José Roberto de Almeida	São José dos Campos	SP
	306	Joselita Alves Ribeiro	Porto Alegre	RS
	427	Sérgio Luiz Caruso Martorelli	Rio de Janeiro	RJ
<b>21</b>	399	Fabiana Fernandes de Carvalho	São Paulo	SP
	496	Edgard José de Faria Guimarães	Brasópolis	MG
<b>24</b>	243	Renato José Veiga da Silveira	Lajeado	RS
	339	Wagner Ribeiro de Magalhães Silva	Rio de Janeiro	RJ
<b>25</b>	388	José da Silva Vidal	Rio de Janeiro	RJ
<b>27</b>	299	Virgínia de Souza Barreira	Rio de Janeiro	RJ
<b>28</b>	237	Maria José da Silva	Guarulhos	SP
<b>29</b>	258	Lúcio Manfredi	Rio de Janeiro	RJ
	395	Marney Pascoli Cereda	Botucatu	SP
	434	Adriano Soares	Sorocaba	SP



## ***Incidente no Caribe***

Denise Reis

Romance

Prefácio de André Valente

Capa de Sylvio de Oliveira

Formato 14 x 21 cm

128 páginas

Cientista brasileiro, em plena crise dos 40, resolve passar férias no Caribe, onde mergulhará para aquela que será a maior e mais estranha viagem de sua vida.

Esse é o tema central de "Incidente no Caribe", livro de estréia da escritora Denise Reis, Engenheira e Jornalista, que estará, de forma quase pioneira, mergulhando nesse mundo tão masculino e estrangeiro da ficção científica.

Com prefácio do consagrado lingüista André Valente, Incidente no Caribe mistura ciência, religião e filosofia aos grandes enigmas da humanidade para desenvolver uma instigante teoria que trata do destino e da visão quântica do universo.

Denise tem como paradigma uma visão completamente eclética e multimídia da vida, o que procurou traduzir em suas incursões no mundo do Marketing, do Webdesign, da Literatura, da Comunicação, das Ciências Exatas e da Música.

Incidente no Caribe é um pouco de tudo isso. É ficção científica embasada em teorias reais, mas também é literatura de qualidade, que prende o leitor da primeira à última linha, conduzindo-o, num clima de autêntico "thriller", a um inusitado desfecho que só é descoberto pelo leitor na última palavra do romance.

### **A Autora**

Denise Reis é Engenheira e Jornalista. Editora de mais de 50 títulos pela editora Leviatã, no Rio de Janeiro, da qual foi sócia, Denise já atuou como Gerente de Marketing da CDL de Fortaleza, Consultora da Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais, em Brasília, e atualmente é produtora de eventos culturais e webdesigner.

Preço Promocional: R\$ 20,00 com frete incluso. Remessa simples via Correios. Outra forma de envio, favor consultar. Pagamento através de depósito, transferência online, boleto bancário ou cheque nominal. Revendedores entrem em contato.

Disponível na Scarium Online (distribuição nacional)

[http://www.scarium.com.br/ficha\\_de\\_pedido.html](http://www.scarium.com.br/ficha_de_pedido.html)

[atendimento@scarium.com.br](mailto:atendimento@scarium.com.br)

Divulgando os autores nacionais de Ficção Científica

Scarium Magazine — Editado por Marco Bourguignon

"Ficção Científica, Fantasia, Terror e Mistério"

<http://www.scarium.com.br>

<http://www.scarium>